

O GRANDE MEDO DE 1987

VOLUME 3

CÉSIO-137 EM MANCHETE: O JORNALISMO
E A CONSTRUÇÃO DO MEDO

EDITORA
KELPS

Eurípedes Monteiro de Oliveira Júnior
Maurineide Alves da Silva
Elainy Aparecida de Jesus Mundim Costa Monteiro

O GRANDE MEDO DE 1987

VOLUME 3

CÉSIO-137 EM MANCHETE: O
JORNALISMO E A CONSTRUÇÃO DO
MEDO

Goiânia – Go
Kelps, 2025

Copyright © 2025 by Eurípedes Monteiro de Oliveira Júnior, Maurineide Alves da Silva,
Elainy Aparecida de Jesus Mundim Costa Monteiro

Editora Kelps

Rua 19 nº 100 - St. Marechal Rondon-CEP 74.560-460 -
Goiânia - GO - Fone: (62) 3211-1616
E-mail: kelps@kelps.com.br / homepage: www.kelps.com.br

Diagramação:

Marcos Dígues
mcdigues04@gmail.com

CIP - Brasil - Catalogação na Fonte

Emilly Luiza Vidal da Costa CRB1 - RP: 750

048 | Oliveira Júnior, Euripedes Monteiro de.

O grande medo de 1987 - uma releitura do acidente com o Césio-137 sob a dimensão do medo / Eurípedes Monteiro de Oliveira Júnior, Maurineide Alves da Silva, Elainy Aparecida de Jesus Mundim Costa Monteiro.- Volume III, 1.ed.-Goiânia: Kelps, 2025.

148 p. il.

ISBN:978-65-5253-381-4

I.Memórias.2.Acidente radiológico-Césio-137. 3.Goiânia (Goiás). I.Silva, Maurineide Alves da. II.Costa Monteiro, Elainy Aparecida de Jesus Mundim. III.Título.

CDU: 82-94:614.876 (817.3)

Índice para catálogo sistemático:

CDU: 82-94:614.876 (817.3)

O conteúdo da obra e sua revisão são de total responsabilidade do autor.

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor.A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2025

“O Grande Medo de 1987 – Cé- sio-137 em Manchete: o jornalis- mo e a produção do medo”

Se nos volumes anteriores revisitamos o medo sentido nas ruas e encenado nas telas, este terceiro capítulo nos convida a examinar o papel central da imprensa escrita — especialmente das revistas semanais e dos jornais de grande circulação — na construção, amplificação e perpetuação do pânico coletivo que se seguiu ao acidente com o césio-137 em Goiânia.

Aqui, o foco recai sobre as manchetes, os enquadramentos narrativos, os vocabulários escolhidos e os silêncios estratégicos que moldaram a percepção pública da tragédia. A imprensa, ao invés de atuar como mediadora responsável da informação, muitas vezes assumiu o papel de protagonista na dramaturgia do medo. Reportagens sensacionalistas, títulos alarmantes e imagens

impactantes contribuíram para transformar o acidente radiológico em um espetáculo de horror — não apenas informando, mas performando o pânico.

A imagem do repórter agachado, com o microfone esticado, tentando evitar uma radiação que não se transmite pelo ar como um vírus, é emblemática. Ela revela não apenas o desconhecimento técnico, mas a força simbólica do medo — um medo que se move, que se espalha, que se performa.

Este volume propõe ainda, uma análise crítica da cobertura jornalística da época, examinando como o discurso midiático ajudou a cristalizar estigmas, alimentar preconceitos e intensificar o isolamento social dos moradores de Goiânia. A rejeição de produtos goianos, o medo irracional da contaminação por contato indireto, e até mesmo a discriminação de pessoas que apenas residiam na cidade são reflexos diretos de uma narrativa construída com pouca responsabilidade e muita teatralidade.

Ao folhear as páginas deste estudo, somos convidados a refletir sobre o poder das palavras impressas — como elas podem informar, mas também deformar; como podem esclarecer, mas também obscurecer. A imprensa, quando movida pelo imediatismo e pela busca de impacto, pode se tornar agente de desinformação e sofrimento.

Este volume é, portanto, um chamado à ética jornalística, à memória crítica e à responsabilidade comunicacional. Revisitar as manchetes é revisitar os medos que elas criaram, os estigmas que perpetuaram e as feridas que ainda hoje não cicatrizaram por completo.

Que este olhar sobre o jornalismo nos ajude a compreender que, em tempos de crise, a informação não é apenas um direito — é também um dever. E que a memória de Leide das Neves e de todos os afetados pelo acidente com o césio-137 continue a iluminar o caminho da verdade, da empatia e da justiça.

Maurineide Alves

SUMÁRIO

| | |
|---|------------|
| Prefácio ao Volume 3 | |
| “O Grande Medo de 1987 – Césio-137 em Manchete: o jornalismo e a produção do medo” | 5 |
| INTRODUÇÃO | 11 |
| CAPÍTULO I | |
| A MÍDIA E O MEDO ATÔMICO | 18 |
| 2.1 Os Momentos Iniciais | 21 |
| 2.2 O Depósito Provisório do Lixo Radioativo | 44 |
| 2.3 O atendimento às vítimas | 76 |
| 2.4 A Recuperação da Imagem de Goiás. | 101 |
| 2.5 A Mídia e a Construção do Medo | 113 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 118 |
| LISTA DE FIGURAS | 121 |
| LISTA DE SIGLAS | 127 |

| | |
|---|------------|
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 129 |
| BIBLIOGRAFIA CITADA..... | 129 |
| REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS | 145 |
| FILMES E VÍDEOS..... | 145 |

INTRODUÇÃO

Passados vinte e cinco anos após o acidente radiológico, chegamos à pretensão de elaborar esta proposta de trabalho acadêmico, buscando realizar uma releitura do evento de tal forma que atendesse não apenas às nossas próprias aspirações pessoais, mas que poderia também servir de subsídios a outros projetos dessa natureza.

A partir da perspectiva metodológica da história oral, pretendemos analisar as narrativas dos diversos atores que vivenciaram diretamente o evento caracterizado como acidente radiológico com o Césio-137 em Goiânia, contribuindo assim para sua compreensão, sobretudo daqueles que vivenciaram não diretamente e que de certa forma foram silenciados pela falta de espaço para relatarem suas experiências. Neste sentido, Lima (1983, p. 5) ressalta que atualmente, na utilização da metodologia da história oral, *“há uma preocupação com a reconquista da memória dos esquecidos, há uma preocupação em dar voz àqueles que nunca tiveram voz.”* A autora defende que:

“não se trata somente de resgatar a memória dos esquecidos, não é só a memória que não está preservada que nos interessa. Buscamos por meio da

oralidade, além do registrado, aquilo que esquecidos e elites têm para dizer, e como o dizem; a informação de que são depositários uns e outros, a visão e a versão dos atores, suas referências e seu imaginário.” (Lima, 1983 pp. 5-6)

Com a finalidade de buscar essas experiências históricas dentro do conjunto desses atores, a metodologia da história oral foi aplicada, sobretudo entre aqueles que além das vítimas diretas, vivenciaram de forma diferente o acidente com o Césio-137, construindo suas respectivas memórias, narrando suas experiências através de entrevistas gravadas em vídeo, tanto na modalidade de entrevista de história de vida, quanto de entrevista temática. Dessa forma, Lima (1983) nos sugere a forma ideal de abordagem desse material documental, que remeterá a uma pesquisa da própria interpretação de mundo desses atores:

“Eu diria que podemos olhar cada depoimento como uma unidade de análise em si mesmo, cada um deles. Então o trabalho seria quase que um trabalho de exegese, trabalho de decodificação do discurso, o trabalho de observar como a memória em funcionamento situou coisas, e através de cada depoimento, procurar definir, no universo das determinações e das escolhas, de que forma as determinações pesaram para aquele ator e como ele soube criar ou usar o seu espaço de autonomia. Como ele, como singular, exerceu a sua escolha. Até onde pesaram as determinações que circunscreveram esta escolha,

até onde ele a definiu e criou outras determinações que vão incidir sobre a vida social e sobre outros atores.” (Lima, 1983 p. 17)

Para situar melhor essa proposta de trabalho, Nunes (2005), oferece alguns subsídios importantes, sobretudo no que se refere às relações entre produção do conhecimento histórico e linguagem videográfica.

“Tenho recorrido ao uso do vídeo em diferentes momentos e situações de pesquisa. Em decorrência, compreendo que por meio dessa linguagem é possível expor os resultados de uma investigação histórica pois o vídeo se coloca como uma narrativa sonoro-visual que estabelece relações de complementaridade com outras linguagens. Assim, utilizo nesta pesquisa a imagem videográfica como meio de criação e expressão do conhecimento histórico.” (Nunes, 2005 p. 75)

Dessa forma, Nunes procura trabalhar a linguagem videográfica como meio de construção de um conjunto de narrativas, delineando um sistema de pensamento que busca revelar e ao mesmo tempo entender o conhecimento histórico a partir das narrativas sonoro-visuais das próprias experiências de seus atores.

“O próprio título da pesquisa, “História em vídeo: patrimônios subterrâneos em Brasília”, revela, *a priori*, minha determinação de utilizar a linguagem videográfica como meio de criação e expressão do conhecimento histórico. Com

efeito, essa decisão coloca, logo de saída, uma questão fundamental: a relação desafiadora entre linguagem audiovisual e história, numa investigação que procura recuperar histórias, memórias e patrimônios das pessoas comuns em Brasília.” (Nunes, 2005 p. 81)

As estratégias de elaboração dessa outra modalidade de escrita da história deverão contar com a ampliação do diálogo entre conhecimento histórico e produção audiovisual, neste sentido, Fonseca considera que:

“mesmo o texto histórico passa por níveis de invenções, sem deixar de ser um texto histórico. Ao estudar o processo de pesquisa e a criação artística do filme podemos levantar vários elementos interessantes que podem ajudar a enriquecer o debate sobre essa maneira de criação histórica.” (Fonseca, 2005 p. 7)

Assim, ao elaborar essa produção videográfica, devemos considerar que o que distingue a forma de escrita videográfica são: a forma de inserção do registro oral, o tempo da narrativa fílmica associado ao problema histórico tratado (processo, acontecimento, rememoração, etc.), e por fim, a trama de palavras e imagens na construção do texto historiográfico.¹

Por outro lado, Benjamin (2009), procura ver a história do ponto de vista dos que tiveram sua voz calada e

1 Consideramos neste caso, os conceitos desenvolvidos de forma sistematizada pelo LABHOI – Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense

não puderam se manifestar, buscando trabalhar a importância que a memória tem na escrita da história. Trata-se de compreender os processos de construção social da memória de forma que viabilize a análise de novos relatos sobre o passado, levantando fatos antes desconhecidos, propiciando uma revisão e uma reescrita da História. Sua proposta consiste, portanto, em voltar aos acontecimentos, desenvolvendo uma nova abordagem, a partir de outro ponto de vista.

Sem dúvida, esses conceitos apresentados por Lima (1983), Nunes (2005), Fonseca (2005) e Benjamin (2009 / 1985) foram de grande importância para o desenvolvimento deste trabalho, tendo em vista que servirão de aporte teórico para a abordagem histórica que utilizamos no estudo do evento Césio-137 ocorrido em Goiânia, representando ao mesmo tempo, o universo material, mental e simbólico dos envolvidos.

Nesse sentido, encontramos nossas principais inquietações contidas numa série de questões que são permanentemente aludidas por discussões nas quais os conceitos centrais se referem ao acontecimento, memória e narrativa que, nesse caso, serão trabalhados através da construção do medo contido na memória das pessoas, nos grupos envolvidos no evento, bem como nas narrativas construídas pelos órgãos oficiais envolvidos no evento, juntamente com a mídia jornalística.

Considerando a dimensão desse acontecimento e a forma como ele repercutiu, sobretudo nos meios de comunicação de massa, dando especial relevância à construção da memória das vítimas diretas do acidente radiológico

com o Césio-137 em Goiânia, onde a noção de catástrofe e tragédia é incessantemente trabalhada exclusivamente com elas, deixando de lado as memórias construídas por pessoas que vivenciaram esse evento de outras formas e que tiveram, até o momento, pouco espaço para relatar suas experiências.

Acreditamos que este estudo poderá evidenciar as experiências das pessoas (vítimas diretas ou não) envolvidas nesse evento crítico e a partir de suas narrações, refletir sobre suas relações com as diversas esferas do poder público (Estado) e, também, com os diferentes segmentos da sociedade como as mídias, escolas, vizinhos e até mesmo com os demais grupos de pessoas que se consideram vítimas.

“As narrativas posteriores a 1987 remarcam a catástrofe no tempo e afirmam sua continuidade e atualidade. Essas narrativas que emergem em ocasião do “aniversário” do evento, ao mesmo tempo em que relembram os acontecimentos de 1987, evitam localizar o evento no passado ao narrar a trajetória das vítimas posteriores a esta data e certificam a presença do evento em suas vidas e nas vidas de seus parentes, além de inserir novas vítimas no curso da trama.” (Vieira, 2010 p. 54)

Nesse sentido, a autora caracteriza a interdependência entre tempo e narração, um interage com o outro de onde podem emergir novas narrações, interpretações que reorganizam temporalmente o acontecimento, presente

em determinados momentos específicos, sobretudo nos períodos em que o evento completava 5, 10, 15, 20 ou 25 anos de sua ocorrência.

Desta forma, ao realizar o estudo das narrativas contidas em audiovisuais, livros, revistas e jornais, além daquelas que foram obtidas no processo de entrevista que realizamos, esperamos ampliar a visão desse acontecimento e ao mesmo tempo rever sua dimensão no tempo e no espaço, a partir das fraturas, rupturas, contradições, ambiguidades e conflitos daí decorrentes.

CAPÍTULO I

A MÍDIA E O MEDO ATÔMICO

“Em razão de a radioatividade ser silenciosa, invisível, inodora e indolor; de seus efeitos manifestarem-se geralmente apenas a longo prazo, quando o indivíduo é submetido a uma baixa dose; e, mais ainda, em razão da impossibilidade de estabelecer rapidamente a rota de disseminação da radioatividade pelo espaço e pelos grupos atingidos, a população de Goiânia viu-se em um estado emocional de perplexidade, seguido de medo e pânico.” (Chaves, 2007 p. 2)

A análise das diferentes memórias construídas a partir das diversas experiências se constituem, portanto, no instrumento pelo qual procurei revelar as condições de produção do medo atômico a partir do acidente radiológico de Goiânia, bem como o sentido das narrativas que envolvem este tema. Trata-se de se buscar a forma como as representações e identidades desse evento crítico foram construídas midiaticamente para em

seguida, alcançar as narrativas presentes nas experiências dos demais atores como funcionários da CNEN, policiais que trabalharam na segurança do evento, médicos que atenderam e realizaram tratamentos nas vítimas e até mesmo experiências individuais presentes em pessoas comuns que mesmo não tendo participado diretamente do acidente, construíram, à sua maneira, suas respectivas memórias.

“No que se refere ao acidente radioativo com o Césio-137, ocorrido em Goiânia, em setembro de 1987, a divulgação dos fatos rapidamente adquiriu grande vulto e alcançou níveis realmente alarmantes. O medo foi-se disseminando para além da normalidade e, sob alguns aspectos, os primeiros efeitos psicológicos se assemelharam ao que ocorreu em Hiroshima e Nagasaki, em Three Mile Island e em Armero.” (Helou, et al., 1995 p. 6)

Estas questões demonstram claramente como o medo da radiação atômica, amplamente divulgado pela mídia desde a explosão das primeiras bombas atômicas em Hiroshima e Nagasaki até o período da guerra fria, tornou-se rapidamente um sentimento presente no cotidiano das pessoas daquela época. Assim, para Silva (2011, p. 16):

“Isto acontece porque os meios de comunicação, influenciados pelos efeitos da compressão espaço-temporal resultante da nova dinâmica

econômica e social trazida pela revolução técnico-científica informacional, nominada de globalização, trabalham produzindo desinformação, já que as notícias são veiculadas de forma a que os destinatários não sejam capazes de localizá-las no espaço e no tempo, consolidando um processo de nulificação do real.” (Silva, 2011 p. 16)

Dessa forma, os veículos de comunicação acabam produzindo uma certa ausência dos referenciais espaciais nas notícias que são divulgadas. Com isto, as distâncias geográficas e territoriais que separam esses acontecimentos são, na maioria das vezes, ignoradas ou mesmo suprimidas, provocando neste caso, a sensação de que a ameaça encontra-se instalada bem ao nosso lado. Neste sentido, Silva (2011, p. 72) considera que:

”De forma semelhante, a ausência de informação ventilada pelos meios de comunicação também se edifica a partir da ausência de referências temporais das informações noticiadas, já que os acontecimentos são costumeiramente narrados sem a menção às suas causas passadas e aos seus efeitos futuros.” (Silva, 2011 p. 72)

Assim, os medos presentes em toda Europa, provocados pelo acidente ocorrido no reator 4 da usina nuclear de Chernobyl, apenas um ano antes do ocorrido em Goiânia, não estão tão distantes dos medos provocados pelo acidente radioativo com o Césio-137, ou mesmo daque-

les medos decorrentes das terríveis explosões atômicas ocorridas em Hiroshima e Nagasaki, ou ainda daqueles provocados pela guerra fria e que atormentaram toda a população mundial numa época em que ainda era relativamente desconhecido o verdadeiro potencial das armas de destruição em massa. O medo da radiação atômica ronda nosso mundo desde meados do Século XX da mesma forma que o medo do terrorismo, das guerras e da violência rondam também nossas grandes cidades do Século XXI.

2.1 Os Momentos Iniciais

Passados dezessete dias de silêncio desde a retirada da unidade de radioterapia das ruínas do Instituto Goiano de Radioterapia no dia 13 de setembro até a chegada do Diretor do DIN – Departamento de Instalações Nucleares em 30 de setembro, nenhuma notícia havia sido veiculada pela mídia, entretanto na madrugada desse dia, após o Diretor do DIN fazer um relato a CNEN sobre sua primeira avaliação do acidente, imediatamente foi criado um Plano de Emergência que contou com a participação da CNEN, FURNAS, NUCLEBRAS, Defesa Civil, além da ala de emergência do Hospital Naval Marcílio Dias no Rio de Janeiro.

Nesse mesmo dia a CNEN começa a convocar técnicos para atuarem no plano de emergência e dar início ao deslocamento de equipamentos necessários para os trabalhos. Além disso, solicita reforço médico à NUCLEBRAS e coloca de sobreaviso FURNAS e FAB.

A partir desse momento, o acidente radiológico de Goiânia torna-se público e uma das primeiras notícias

veiculadas nos telejornais ocorreu no Jornal Nacional transmitido pela Rede Globo de Televisão às 20:40 min. com seu apresentador Celso Freitas narrando a seguinte manchete:

“Apresentador Celso Freitas: 00’00” Onze pessoas estão internadas no hospital de Goiânia com sintomas de contaminação pela radioatividade.



Fig. 1 – Apresentador Celso Freitas - Fotograma extraído do Jornal Nacional, gravado em 1987 (00’04”) disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/acidente-radioativo-em-goiania-cesio-137.htm>

Apresentador Celso Freitas em off: A contaminação foi causada por uma peça de um aparelho de radioterapia, a peça foi abandonada depois da demolição de um hospital, alguém levou a peça para um ferro-velho onde toda uma família foi contaminada. Técnicos da Comissão Nacional de Energia Nuclear colocaram a peça na Delegacia de Vigilância Sanitária e isolaram a área. Várias famílias foram retiradas do local, os técnicos vão usar concreto para isolar a peça que será levada

para São Paulo onde vai ser examinada. 00'34"”
(Rede Globo de Televisão- AV-01, 1987)

Ainda no dia 30, os técnicos da CNEN iniciam os trabalhos de identificação dos principais focos de contaminação e providenciam seus respectivos isolamentos, ao mesmo tempo, uma outra equipe recebe as pessoas suspeitas de contaminação com o Césio-137 no Estádio Olímpico onde realizam os procedimentos de triagem, enquanto isso, as autoridades do Estado providenciam a montagem de barracas no gramado do Estádio para alojamento das vítimas identificadas com algum tipo de contaminação radioativa.

No dia seguinte, 01 de outubro de 1987, o Jornal Nacional publica uma matéria realizada pela repórter Valéria Sfeir relacionada às primeiras providencias tomadas pelos técnicos da Comissão de Energia Nuclear para atendimento às vítimas eventualmente contaminadas no acidente radioativo de Goiânia, com o seguinte conteúdo:



Fig. 2 - Repórter Valéria Sfeir - Fotografia extraída do Jornal Nacional, gravado em 1987 (00'04"”) disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/acidente-radioativo-em-goiani-cesio-137.htm>

“Repórter Valéria Sfeir:

Os moradores próximos ao local do acidente com suspeitas de contaminação foram transferidos aqui para o Estádio Olímpico de Goiânia, onde recebem tratamento especial de médicos e técnicos da Comissão de Energia Nuclear que vieram do Rio de Janeiro e São Paulo, aqui eles recebem banhos químicos para fazer a descontaminação.

Repórter Valéria Sfeir em off:

O Governo montou barracas de lona para os moradores com suspeita de contaminação, ninguém pode entrar no campo do Estádio sem roupa especial, nem entrar em contato com os moradores por medida de segurança. O banho químico que os moradores recebem não pode ser filmado, eles servem para tirar a contaminação do corpo.

Funcionária da CNEN:

... tá usando vinagre pra dar uma ... e água e sabão tá, o nosso banho químico é isso, só isso.

Repórter Valéria Sfeir em off:

A equipe da Comissão de Energia Nuclear está aparelhada para atender aos moradores, o equipamento especial como luvas e aparelhos para medir a contaminação já chegaram, toda equipe usa um aparelho como esse para saber qual o grau de contaminação que eles estão recebendo. 00'56”.” (Rede Globo de Televisão - AV-03, 1987)

Ainda no dia primeiro de outubro, a CNEN – Comissão Nacional de Energia Nuclear solicita duas ambulâncias à FURNAS e transfere através da FAB, seis pacientes com níveis altos de contaminação para o Hospital Naval Marcílio Dias no Rio de Janeiro. Na sequência da reportagem da jornalista Valéria Sfeir veiculada na edição do Jornal Nacional desse dia, o apresentador Celso Freitas dá continuidade à matéria sobre o acidente radioativo de Goiânia relatando a transferência de pacientes para o Hospital do INAMPS em Goiânia juntamente com o andamento dos trabalhos dos técnicos de identificação das vítimas e apuração dos responsáveis, com o seguinte conteúdo:

“Apresentador Celso Freitas:

00’00” O acidente com o material radioativo em Goiás. A comissão Nacional de Energia Nuclear transferiu hoje onze pessoas contaminadas pela radioatividade para o Hospital Geral do INAMPS em Goiânia, essas são as primeiras imagens dos pacientes, eles estão em isolamento. O hospital Geral do INAMPS está atendendo todas as pessoas com sintomas de contaminação pela radioatividade, muitos parentes foram hoje ao hospital a procura de notícias das pessoas internadas. Os técnicos da Comissão Nacional de Energia Nuclear estão examinando todos os moradores das áreas próximos ao local da contaminação, o aparelho que liberou a contaminação é igual a esse, dentro dele há uma cápsula contendo Césio, um material radioativo usado no tratamento do

câncer. A peça foi aberta no ferro-velho depois da demolição de uma clínica de radioterapia, o dono da clínica disse que não tirou o aparelho de lá porque o terreno está em disputa judicial.



Fig. 3 - Proprietário da Clínica IGR - Fotograma extraído do Jornal Nacional, gravado em 1987 (00'54") disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/acidente-radioativo-em-goiania-cesio-137.htm>

Dono da Clínica:

Como nós não tínhamos lugar para colocar essa peça que era uma peça que estava desativada já há muitos anos, nós deixamos no local na sala em que ela sempre trabalhou com todas as garantias de proteção radiológica.

Apresentador Celso Freitas:

O Governador de Goiás Henrique Santillo disse hoje que os responsáveis pela contaminação serão punidos. O ministro da Saúde Roberto Santos esteve hoje em Goiânia para assinar um convênio e disse que o Ministério está acompanhando o caso. 01'19". (Rede Globo de Televisão - AV-02, 1987)

No dia 2 de outubro, os técnicos da CNEN continuam os trabalhos de identificação e isolamento dos focos de contaminação, medindo os níveis de radioatividade nessas áreas e ao mesmo tempo, executando as ações de descontaminação desses locais. Como resultado desses trabalhos, 100Kg do chumbo que revestia a cápsula de Césio-137 foi localizado e recuperado na cidade de Goiás à 120 Km de Goiânia. Ao mesmo tempo, os responsáveis pela CNEN, através do representante da missão brasileira, informam oficialmente a AIEA – Agência Internacional de Energia Atômica sobre o acidente radiológico em Goiânia e solicitam assistência internacional.

No Jornal Nacional desse dia, é apresentada uma reportagem de Valéria Sfeir sobre o trabalho dos técnicos e o atendimento aos contaminados no acidente radioativo de Goiânia, relatando que oito pacientes contaminados com radiação, continuam internados no Hospital do INAMPS em Goiânia, e informando ainda que quatro deles deverão ser transferidos na manhã seguinte para o Rio Janeiro:

“Repórter Valéria Sfeir em off:

A equipe da Comissão de Energia Nuclear montou hoje uma nova estratégia de ação, os técnicos agora estão medindo o grau de radioatividade nas áreas isoladas, de oito, apenas três ainda indicam focos de contaminação, os técnicos se protegem com roupa especial, usam equipamentos que também foram utilizados em Chernobyl. Esse é um aparelho que pode fazer a medição a distância, neste local, o nível de radiação ainda é muito alto, o normal seria encontrar índice zero.



Fig. 4 - Técnicos da CENEA - Fotografia extraída do Jornal Nacional, gravado em 1987 (00'15") disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/cobertura-radioativo-em-goiania-cesio-137.htm>

Repórter Valéria Sfeir:

A comissão de Energia Nuclear decidiu hoje que a cápsula de Césio que provocou todo o acidente vai continuar por mais alguns dias aqui em Goiânia, a cápsula está isolada num bloco de concreto dentro desse prédio da Vigilância Sanitária onde ninguém pode entrar, só na semana que vem a Comissão decide quando a cápsula será enviada para São Paulo, onde será feito um estudo minucioso por técnicos da Comissão de Energia Nuclear.

Repórter Valéria Sfeir em off:

Oito pacientes com radiação continuam internados no Hospital do INAMPS, quatro deles dependendo da evolução do quadro clínico de hoje à noite, devem ser removidos para o Rio de Janeiro amanhã para tratamento especial. 01'03". " (Rede Globo de Televisão - AV-04, 1987)

Transportados pela FAB – Força Aérea Brasileira, os quatro pacientes internados no Hospital Geral do INAMPS em Goiânia, Kardec Sebastião dos Santos, Luiza Odete, Edmilson Alves da Silva e Maria Gabriela Ferreira são transferidos para o Hospital Naval Marcílio Dias no Rio de Janeiro onde deverão receber tratamento adequado aos níveis de contaminação que eles apresentam. Com reportagem de Valéria Sfeir sobre o acidente radioativo em Goiânia e a transferência de pacientes contaminados para o Hospital no Rio de Janeiro, o Jornal Nacional do dia 3 de outubro apresenta a seguinte matéria:



Fig. 5 - Apresentador Eliakim Araújo - Fotograma extraído do Jornal Nacional, gravado em 1987 (00'11") disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/acidente-radioativo-em-goiania-cesio-137.htm>

Apresentador Eliakim Araújo:

00'00" A radioatividade em Goiânia. Mais quatro pessoas foram contaminadas, elas foram transferidas para o Rio, elas vão receber tratamento especial no Hospital da Marinha Marcílio Dias, a Comissão Nacional de Energia Nuclear ainda não recolheu o material radioativo que se

espalhou por várias áreas próximas ao centro de Goiânia.

Repórter Valéria Sfeir em off:

Vinte dias depois do acidente os técnicos da Comissão Nacional de Energia Nuclear ainda não sabem dizer qual a quantidade de Césio que foi liberada na cidade, a população ainda tem dúvidas e sente medo da contaminação.



Fig. 6 - Moradora 1 - Fotograma extraído do Jornal Nacional, gravado em 1987 (00'32") disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/acidente-radioativo-em-goiania-cesio-137>.

htm

Moradora 1:

Todo mundo está apavorado.

Morador 2:

Eu acho que nem todo goianiense está assim com informação correta sobre isso.

Moradora 3:

A gente ainda tem bastante dúvida ainda

Repórter Valéria Sfeir em off:

Os técnicos garantem que a situação está sob controle porque os focos de contaminação foram isolados, quem não entrar nessas áreas de contaminação, ou tiver contato com o Césio, não corre risco de contaminação, o acidente com o Césio em Goiânia é diferente do que aconteceu em Chernobyl.

Coord. CNEN:

Chernobyl se você lembra muito bem, um dos problemas de preocupação era a parte dos gases e nós estamos tratando dos sólidos.

Repórter Valéria Sfeir:

Quer dizer, nesse caso então não tem perigo de alastrar?

Coord. CNEN:

Não tem perigo de alastrar porque ele não é, não se encontra disponível no ar.

Repórter Valéria Sfeir em off:

Na entrevista coletiva de hoje, o Coordenador da equipe de combate a contaminação explicou como será feito o isolamento do material radioativo, os rejeitos com nível de radiação mais baixo serão colocados em sacos plásticos, os de nível mais alto em dois tambores comuns e lacrados com concreto, o que preocupa agora os técnicos é a possibilidade de surgirem novos focos de contaminação.



Fig. 7 - Físico Julio Rosenthal, Coord. CNEN - Fotograma extraído do Jornal Nacional, gravado em 1987 (01'31") disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/acidente-radioativo-em-goiania-cesio-137.htm>

Rosenthal Téc. CNEN

O risco que pode existir ainda possíveis é..., é encontrar possíveis materiais ainda que não foram detectados em algum ferro-velho e que ainda não foi detectado porque não chegou ainda ao conhecimento da Comissão Nacional de Energia Nuclear.

Repórter Valéria Sfeir em off:

Os dezenove pacientes que estavam internados na FEBEM devem ser liberados hoje à noite depois de receberem o último banho de descontaminação, às sete e meia da manhã chegou o avião da FAB para levar mais quatro pacientes em estado grave para o Rio de Janeiro.

Repórter Valéria Sfeir:

Os pacientes chegaram três horas depois que o Bandeirante pousou aqui no aeroporto de Goiânia, eles entraram pela pista de estacionamento.

to de aviões, de ambulância que parou bem em frente a porta do Bandeirante da FAB. Eles desceram da ambulância sem problemas, usavam máscaras se protegendo contra infecções porque o organismo deles está debilitado, Kardec Sebastião dos Santos, trinta anos trabalhava no ferro-velho onde a cápsula do Césio foi aberta. Luiza Odete a mulher dele, Edmilson Alves da Silva, dezoito anos, também trabalhava como catador de papel, Maria Gabriela Ferreira trinta e oito anos, é mulher de Devair Alves Ferreira dono do ferro-velho que já está internado no hospital do Rio. Maria Gabriela não quis falar sobre os sintomas da doença, ela estava preocupada com os parentes que estão internados no Rio.

Repórter Valéria Sfeir:
Tá nervosa?



Fig. 8 - Maria Gabriela, esposa de Devair, embarcando para o HNMD
- Fotograma extraído do Jornal Nacional, gravado em 1987 (02'40")
disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/acidente-radioativo-em-goiania-cesio-137.htm>

| Maria Gabriela:

Tô, meu marido tá muito mal lá.

Repórter:

E a sua filha é que tá lá também?

Maria Gabriela:

Minha sobrinha. 03'00” (Rede Globo de Televisão - AV-05, 1987)

Entre os dias 4 e 8 de outubro de 1987, a CNEN – Comissão Nacional de Energia Nuclear solicita à Polícia Federal a instauração de inquérito policial para apurar as responsabilidades pelo acidente ao mesmo tempo em que chegavam ao Rio de Janeiro alguns especialistas em medicina e radioproteção com o objetivo de auxiliar os trabalhos de descontaminação e atendimento as vítimas: No dia 5 desembarca no aeroporto do Rio o médico argentino J. Gimenez em seguida, no dia 6 desembarca no mesmo aeroporto, E. Palácios especialista em radioproteção e rejeitos radioativos da Argentina, juntamente com G. Drexler, também especialista em radioproteção. No dia 7, três especialistas chegam ao Rio: G. Hanson, especialista em radioproteção; R. Ricks vindo dos Estados Unidos, também especialista em radioproteção do AIEA – Agência Internacional de Energia Atômica e G. Selidovkin médico Russo, especialista em tratamento de radioacidentados, finalmente no dia 8 desembarca também no aeroporto do Rio de Janeiro o médico C. Lushbaugh também especialista em atendimento a radioacidentados, enviado pelo AIEA dos Estados Unidos.

“Governador Santillo durante entrevista:
20’49” Nós já abrimos um inquérito policial para a apuração de responsabilidades imediatamente e toda a Secretaria da Saúde e a Defesa Civil estão a disposição trabalhando em cima desse fato. A peça principal já foi isolada, a peça radioativa principal já foi isolada com base de concreto e já estamos localizando todos os demais fragmentos para o seu isolamento. O Estado está dando toda a assistência às vítimas dessa radiação e acionou imediatamente, no minuto seguinte a Comissão Nacional de Energia Nuclear que é também a nível federal o órgão que regulamenta esse processo e, também, o órgão responsável pela fiscalização desse processo.

Repórter:

O caso está ocorrendo em uma área pertencente a uma empresa do Estado. Até que ponto o Estado tem responsabilidade nisso?



Fig. 9 - Governador Henrique Santillo - Fotograma extraído do Jornal da Band gravado em 1987 (21’19”) - Disponível em - (TV Brasil Central - 1221/892-12, 1987)

Governador Santillo:

Nós estamos apurando as responsabilidades, é uma área que foi desapropriada pelo governo estadual a cerca de 4 anos atrás e que ficou lá isolada no centro da cidade e nós não temos informações mais detalhadas ainda sobre esse material radioativo. O que nós vamos apurar é a responsabilidade.

Repórter:

O Senhor acha que houve negligência?

Governador Santillo:

Não, que houve negligência, houve, sem sombra de dúvida agora precisa saber de quem. O Estado então, através da Secretaria de Segurança Pública está apurando as responsabilidades por essa negligência; se é da Comissão Nacional de Energia Nuclear, se é dos antigos proprietários do hospital, se é da clínica de radioterapia ou se é do próprio estado. 22'47" (TV Brasil Central - 1221/892-12, 1987)

Ainda nos dias 7 e 8, dando continuidade aos trabalhos de identificação dos focos de contaminação radioativa, uma equipe da CNEN a bordo de um helicóptero equipado com equipamentos altamente sensíveis realiza um levantamento aeroradiométrico de toda a grande Goiânia e localiza o último foco de contaminação radioativa, fora das áreas isoladas, em um depósito de lixo.

No dia seguinte, 9 de outubro, o então Presidente da República José Sarney, chega a Goiânia acompanhado do

Ministro Iris Rezende, do Presidente da CNEN Rex Nazaré e dos representantes das três armas Exército, Marinha e Aeronáutica. Ao desembarcar no aeroporto Santa Genevêva em Goiânia, a repórter Cileide Alves produziu uma matéria para o Jornal da Band com o seguinte conteúdo:

“Repórter em off:

08’57” No aeroporto o Governador Henrique Santillo e demais autoridades receberam o Presidente Sarney, o Ministro Iris Rezende e o Presidente da CNEN Rex Nazaré. Representantes das três armas Exército, Aeronáutica e Marinha, também se fizeram presentes, do aeroporto todos seguiram para a Rua 57, na Rua 57 depois de conversar com um morador o Presidente Sarney disse que a situação está sob controle e que se oferecesse ainda algum perigo, não estaria hoje em Goiânia.



Fig. 10 - Presidente Sarney e Governador Henrique Santillo - Fotograma extraído do Jornal da Band Gravado em 1987 (09’03”) - Disponível em - **(TV Brasil Central - 1219/642-3, 1987)**

O Presidente falou também que comparar o acidente de Goiânia com Chernobyl não tem cabimento e que agora o importante é socorrer as famílias atingidas e dar apoio ao Governo e a comunidade de Goiás, por isso vai determinar a LBA e SEAC num programa de emergência que providenciem a construção de casas para as famílias que terão suas casas demolidas por questão de segurança. O Governador que estava ao lado do Presidente garantiu que o Estado já preparou um esquema para indenizar as famílias e era esse o momento de estabelecer toda a assistência aos contaminados e aos que ficaram expostos a radiação do Césio-137. 10'01". " (TV Brasil Central - 1219/642-3, 1987)

Ao deixar o aeroporto, o Presidente José Sarney, acompanhado de sua comitiva se dirige à Rua-57 até as áreas contaminadas com o Césio-137 onde conversa com moradores e com a imprensa, em seguida, ainda acompanhado de sua comitiva, realiza uma visita aos pacientes internados na ala de isolamento do HGG – Hospital Geral do INAMPS.

“Repórter:
03'32” Aqui na Rua 57 o movimento já era grande mesmo antes da chegada do Presidente José Sarney, moradores daqui da região vieram ver de perto o Presidente e conhecer as autoridades as medidas que estão sendo adotadas para resolver o problema deles.

Repórter em off:

O Presidente José Sarney chegou aqui na Rua-57 pouco depois das onze horas da manhã, antes de entrar na área isolada o Presidente conversou com um representante dos moradores das onze casas isoladas, em nome das vinte e seis famílias desalojadas o morador Gastor Xavier Nunes que já foi inclusive expulso do hotel onde estava hospedado por pura discriminação pediu ao Presidente José Sarney providencias urgentes para resolver os problemas de cada família. Primeiro o Presidente respondeu que veio a Goiânia prestar solidariedade a todas as vítimas da radiação, ele informou que sua visita foi também para garantir que a situação em Goiânia está sob controle absoluto, por último o Presidente respondeu ao morador que a LBA, a Secretaria de Assuntos Comunitários, juntamente com o Governo do Estado vão providenciar uma solução para as famílias desalojadas.

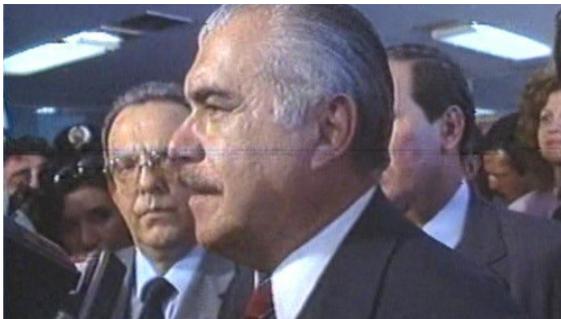


Fig. 11 - Presidente Sarney em entrevista - Fotograma extraído do Jornal da Band (04'15") - Disponível em - (TV Brasil Central - 1219/642-3 (Cont.), 1987)

Presidente Sarney:

Eu vou conversar com o Governador e determinar imediatamente que a LBA e a SEAC num programa de emergência justamente providencie o problema das casas que serão demolidas por questões de segurança.

Repórter em off:

Em seguida o Presidente Sarney acompanhado pelo Governador Henrique Santillo, pelo Coordenador da CNEN José Júlio Rosenthal e de outras autoridades entrou na área isolada e viu de perto a casa do catador de papel Roberto Santos Alves, foi nessa casa que Roberto e Wagner Mota quebraram o cilindro que embalava a cápsula de Césio, apesar da permanência do Presidente nessa área considerada de segurança o Físico José Júlio Rosenthal garantiu que ele não correu nenhum risco.

Repórter:

Da Rua 57, o Presidente José Sarney foi aqui para o terceiro andar do prédio do INAMPS visitar os dez pacientes internados na área isolada, a visita aqui foi muito tumultuada, o Presidente ficou lá dentro durante dez minutos. Do lado de fora muita confusão, na saída o Presidente fez um rápido comentário sobre o estado de saúde dos pacientes internados aqui no HGG.

Repórter:

Presidente, como estão os pacientes Presidente?

Sarney?

De um modo geral estão bem.

Repórter em off:

Somente no aeroporto foi que o Presidente José Sarney conversou com os jornalistas, aqui ele afirmou que o local para receber o lixo atômico será escolhido pelo Congresso Nacional.

Sarney:

Esse assunto eu tenho a impressão que terá que ser decidido através de uma lei do Congresso Nacional para que o Congresso possa decidir exatamente sobre os parâmetros em que o Brasil vai colocar o seu lixo atômico.

Repórter:

Enquanto isso como é que se faz com o lixo de Goiânia que já tá pronto que tá aí?

Sarney:

Olha nós estamos dizendo que nesse instante nós estamos estudando tecnicamente como vamos mandar uma lei ao Congresso Nacional para resolver esse problema.

Repórter:

Vai voltar atrás então na ideia anterior de mandar para a Serra do Cachimbo?

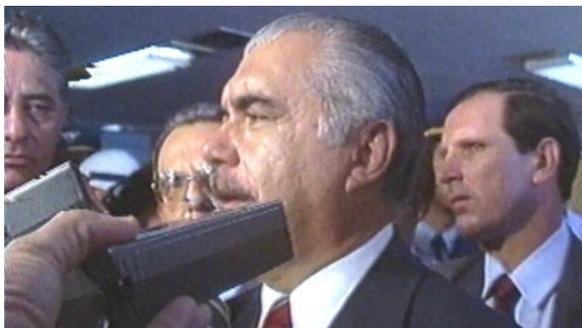


Fig. 12 - Presidente Sarney em entrevista ao Jornal da Band - Fotograma extraído do Jornal da Band (05'59") - Disponível em - (TV Brasil Central - 1219/642-3 (Cont.), 1987)

Sarney:

O que existe em relação a Serra do Cachimbo é que lá já existe um local que foi feito para ser colocado lixo atômico, mas mesmo assim nós precisamos que isso seja feito com absoluta transparência de modo a que seja um consenso da população brasileira, a verdade é que o lixo atômico existe no território nacional e nós temos que colocá-lo em algum lugar, todo país tem encontrado uma solução, nós vamos encontrar também essa solução.

Repórter:

O povo de Goiás pode esperar uma solução antes que o Congresso decida isso?

Sarney:

Esse também é outro aspecto que nós estamos hoje aqui tendo a satisfação de saber que o aspecto social que me preocupa também já está

sendo atendido, quer dizer o Governo Estadual juntamente com o Governo Federal vai dar total assistência as famílias das vítimas atingidas.

Repórter:

O acidente de Goiânia atrapalha o programa nuclear brasileiro?

Sarney:

Não, esse acidente de Goiânia não foi um acidente nuclear, foi um acidente radioativo, nós compararmos uma coisa com outra é uma coisa absolutamente desproporcional. Nós devemos limitar o acidente de Goiânia justamente ao acidente...nós temos como eu disse, mais de dois mil aparelhos desse no Brasil e nós, e eles estão aí montados a serviço da saúde do homem e não da destruição do homem.

Repórter:

Na saída do aeroporto o Governador Henrique Santillo foi categórico, o Governo não vai participar do debate para a escolha do local onde será enterrado o lixo atômico.

Governador em relação ao lixo como é que o Senhor definiu com o Presidente?

Santillo:

O lixo vai sair de Goiás.

Repórter:

E pra onde vai?

Santillo:

Uai isso não é problema meu minha filha, como é que eu vou definir pra onde vai o lixo, isso não é problema meu Governador de Goiás...

Repórter:

Até onde se pode esperar o Congresso Nacional aprovar uma lei?

Santillo:

Não mas pode. O Congresso pode aprovar uma lei em quinze dias, uma semana, que vote a lei, agora não vai ficar em Goiás. 08'51". (TV Brasil Central - 1219/642-3 (Cont.), 1987)

Ao mesmo tempo, o lixo radioativo produzido pelos trabalhos de descontaminação das áreas isoladas e acondicionado em milhares de tambores e dezenas de containers de aço se acumulavam no centro da cidade, exigindo providências urgentes para a definição do local para abrigar o depósito provisório para esses rejeitos.

Ao término da visita do Presidente José Sarney, o Governador de Goiás Henrique Santillo deixa claro, em entrevista aos jornalistas que acompanhavam o Presidente, sua decisão em não permitir que o lixo radioativo produzido no acidente permaneça definitivamente em Goiás, ou mesmo próximo a cidade de Goiânia.

2.2 O Depósito Provisório do Lixo Radioativo

Segundo relatório de Rex Nazaré entregue a Comissão Parlamentar de Inquérito do Senado Federal, a partir do dia 9 de outubro de 1987, inicia-se a fase mais crítica

do acidente radioativo de Goiânia com a realização de uma série de levantamentos em áreas próximas a Goiânia para escolha do local onde seria instalado o depósito provisório dos rejeitos radioativos. Em matéria veiculada no Jornal da Band transmitido pela TV Brasil Central de Goiânia, o Coordenador da CNEN José Júlio Rosenthal acompanhado do então Presidente da SEMAGO se reúnem com o Prefeito (Interventor) de Goiânia Joaquim Roriz com o objetivo de definir a área onde será depositado provisoriamente o lixo radioativo de Goiânia:

“Repórter:

25'23” Depois de se reunirem por mais de uma hora com o Governador Henrique Santillo no Palácio das Esmeraldas, o Dr Rosenthal da CNEN e o Presidente da SEMAGO vieram aqui para a Prefeitura para definir com o Prefeito Joaquim Roriz a área onde será depositada o lixo atômico provisoriamente.



Fig. 13 - Interventor Joaquim Roriz em entrevista ao Jornal da Band. Fotografia extraída em 26'01". Disponível em: **(TV Brasil Central - 1219/642-A, 1987)**

Repórter em off:

Segundo informações do interventor Joaquim Roriz, seis a oito áreas foram colocadas à disposição da CNEN para avaliação técnica o anúncio da área onde ficará o rejeito atômico deverá acontecer logo mais às três horas da tarde e será pelo próprio Governador. Para o Interventor Joaquim Roriz o importante é tirar esse lixo do centro para que a cidade volte ao normal. Como já foi colocado pelo Doutor Rosenthal, a área onde será depositada o lixo tem que oferecer controle habitacional e ambiental, o lixo em tambores já blindados deve ficar sobre uma superfície de concreto e com total segurança e para hoje estão previstas chegar mais quatrocentos tambores dos dois mil solicitados.

Repórter:

Por que que está demorando tanto a definição desse local pelo menos provisório.

Rosenthal:

Não, o que foi demorado foi exatamente as situações de definições tá certo, anteriormente tomadas, mas agora com o pedido ontem do Governador de que a comunidade científica seja a parte da escolha desse local e como nós já podemos hoje definir o local transitório, eu acredito que o problema deve ter terminado. 26'55" (TV Brasil Central - 1219/642-A, 1987)

Enquanto as autoridades se ocupavam em encontrar um local adequado para a implantação do depósito provisório para o lixo radioativo, as equipes da CNEN continuam com os trabalhos de descontaminação das áreas isoladas que, nesse momento, já contava com a participação de seis militares da Escola de Instrução Especializada do Exército vindos do Rio de Janeiro, enquanto isso, o lixo radioativo se acumulava nas áreas isoladas no centro de Goiânia, ao mesmo tempo em que a população vizinha a essas áreas desencadeava uma série de protestos solicitando a sua imediata retirada. E a cada dia chegavam mais tambores, como relata entrevista do Secretário Antônio Faleiros ao Jornal da Band:



Fig. 14 - Secretário Antônio Faleiros em entrevista ao Jornal da Band. Fotograma extraído em 32'27". Disponível em: **(TV Brasil Central - 1219-642-B, 1987)**

“Antônio Faleiros:

32'24” Esse chega-não-chega dos tambores também foi a informação que nos trouxeram, segundo informação que nos repassaram chegariam ontem oitocentos tambores, não chegou, deve estar chegando nessas horas agora, agora

o que nós estamos viabilizando o mais rápido possível é a concretagem e a eliminação desses tambores, que cheguem o mais rápido possível porque se precisar a gente também pode acionar e ver se a gente traz logo esse material para que nós tenhamos logo a concretagem do lixo. 32'51".“ (TV Brasil Central - 1219-642-B, 1987)

Em entrevista concedida ao Jornal da Band no dia 15 de outubro, o Governador Henrique Santillo anuncia que o Governo de Goiás não vai mais esperar o Congresso Nacional decidir sobre o destino do lixo atômico de Goiânia e estabelece um prazo até o dia seguinte, 16 de outubro as dez horas da manhã, para que a Comissão Nacional de Energia Nuclear apresente sua sugestão do local onde será construído o depósito provisório dos rejeitos nucleares do acidente de Goiânia:

“Repórter:

39'44” O governo do Estado não vai esperar o congresso Nacional decidir o destino do lixo atômico de Goiânia, o próprio Governador tomou a iniciativa de convocar toda a comunidade científica nacional através das Universidades brasileiras e das entidades representativas para discutir a escolha de um local adequado onde será depositado os resíduos radioativos, Henrique Santillo criticou o projeto de lei encaminhado ao Congresso Nacional que deixa para cada Estado a decisão para escolher o local para enterrar o lixo radioativo.



Fig. 15 - Governador Henrique Santillo em entrevista ao Jornal da Band. Fotograma recortado em 40'29". Disponível em: **(TV Brasil Central - 1221/892-D, 1987)**

Governador Santillo:

O Congresso sabe muito bem que com as suas atribuições constituintes ele não terá nem mesmo tempo para discutir com profundidade uma proposta como esta. Houve vinte e cinco anos de tempo aí pra que se definisse isso e não é justo também que o Congresso Nacional venha definir isso aí em quarenta e cinco, sessenta dias, ele não vai fazer isso eu tenho certeza mas assim, mesmo que o faça, o fato de Goiânia antecederá a publicação da nova lei e o que existe hoje é uma legislação federal de vinte e cinco anos que atribui competência exclusiva à Comissão Nacional de Energia Nuclear o controle dos equipamentos e das instalações nucleares no país, a sua fiscalização, ela tem atribuição exclusiva para a sua fiscalização e ao mesmo tempo tem atribuição exclusiva e competência exclusiva para coletar, transportar e depositar os rejeitos radioativos no País.

Repórter:

Se a comunidade científica brasileira dentro dos estudos que deve fazer no sentido de definir uma área, optar por Goiás, e ver que tem condições realmente, o senhor vai aceitar que fique aqui?

Governador Santillo:

Esse é o problema da comunidade científica nacional, ela é que tem que definir de acordo com parâmetros técnicos e científicos corretos com segurança para a população. A definição não é política, não pode ser política, é uma definição técnico-científica. Aquilo que for melhor para o País, eu gostaria que isso não ficasse em lugar algum, mas é um problema. Está aí o problema e eu estou recorrendo a comunidade científica que nos ajude.

Repórter:

O governador Henrique Santillo também informou que termina amanhã as 10:00 horas da manhã o prazo dado a Comissão Nacional de Energia Nuclear para sugerir o local onde ficará provisoriamente o lixo radioativo. O Governador não soube precisar quanto tempo o lixo ficará na área e disse que nem a CNEN ainda tem o assunto definido. 42'08” (TV Brasil Central - 1221/892-D, 1987)

Finalmente em 16 de outubro é definido o local para o depósito provisório dos rejeitos dos materiais contaminados com o Césio-137 a aproximadamente vinte quilôme-

tros do centro de Goiânia, no distrito de Abadia de Goiás, onde funcionava uma antiga cascalheira da Prefeitura de Goiânia que se encontrava desativada há dois anos. Imediatamente moradores de Abadia de Goiás pararam o tráfego da rodovia BR-060 em protesto contra a transferência do lixo atômico para esse local.² Em Goiânia, técnicos da Comissão Nacional de Energia Nuclear se preparavam para começar o transporte do lixo atômico. Após três dias de espera, chegam os primeiros quinhentos tambores, de um total de dois mil, que serão utilizados na remoção do lixo.

Após uma análise detalhada da situação, os técnicos decidem que o lixo acumulado em alguns pontos, nas Ruas 57 e 26-A, só poderão ser retirados através de meios mecânicos e em vista disso, decidem utilizar um robô fabricado por uma empresa de São Paulo com capacidade para levantar até trezentos quilos, devendo chegar a Goiânia no dia seguinte.

No mesmo dia, o Prefeito (Interventor) de Goiânia Joaquim Roriz, acompanhado do Coordenador da CNEN José Júlio Rosenthal, visitam o local e conversam com chacareiros vizinhos do terreno, conforme matéria publicada no Jornal da Band:

“Repórter em off:

28’46” O futuro depósito do lixo radioativo de Goiânia já tem endereço certo é o quilometro doze da BR-060 que liga Goiânia a Cuiabá e que

2 Conforme matéria bruta gravada pela TV Anhanguera para o Jornal Nacional, pelo repórter Carlos Dorneles In: (Rede Globo de Televisão - DVD-001-MT-001-1, 1987)

está a vinte e cinco quilômetros do centro da cidade, o lixo vai ficar provisoriamente nessa antiga cascalheira da Prefeitura que tem a extensão de seis quilômetros. Hoje à tarde o Físico José Júlio Rosenthal e o Interventor de Goiânia Joaquim Roriz visitaram toda a área, o próprio Rosenthal explicou ao Interventor como o lixo será depositado no local, o Físico explicou ainda quais os critérios adotados para a escolha dessa área.



Fig. 16 - Físico Júlio Rosenthal em entrevista ao Jornal da Band. Fotografia recortada em 29'27". Disponível em: (TV Brasil Central - 1219/642-C , 1987)

Rosenthal:

Foram vários os critérios, primeiro é que está razoavelmente afastado da zona urbana e isso daqui é um grande descampado, quase não tem residências ao redor e segundo, ser de bom acesso que não seja tão simples tá certo e quarto, não ter muito problema com água, de forma que esse local é um local pleno para que nós possamos fazer esse trabalho transitório aqui com tran-

quilidade e segurança e deixar o material então preparado para posteriormente ser levado para o local definitivo.

Repórter:

O Senhor disse que será necessário aqui um trabalho de engenharia no piso aqui para trazer esse material e quanto tempo deverá ser necessário pra fazer esse piso pra começar a ser trazido pra cá os tambores que já estão com os lixo?

Rosenthal:

Amanhã mesmo vão começar a fazer os trabalhos de engenharia e começa amanhã, é o tempo de (?) o concreto que vai servir de piso e acredito que amanhã mesmo nós poderemos começar a trazer alguns ou aqueles concretões que estão na divisão de Vigilância Sanitária ou aquele que contém o tapete.

Repórter:

A antiga cascalheira da Prefeitura de Goiânia estava desativada há dois anos, daqui a Prefeitura retirava cascalho para as suas obras na cidade o povoado mais perto fica para lá e tem cerca de mil e quinhentos habitantes. Aqui os funcionários da Prefeitura e do Estado vão fazer um piso de concreto onde serão colocados containers e os tambores com todo o lixo radioativo. O Coordenador da CNEN ainda não sabe quanto tempo será necessário para remover todo o lixo para cá. A visita do Prefeito e do técnico da CNEN foi

acompanhada por alguns chacareiros que tem propriedade aqui perto, eles estão ansiosos com a decisão de trazer o lixo para cá.



Fig. 17 - Chacareiro em entrevista ao Jornal da Band. Fotograma extraído em 31'14". Disponível em: **(TV Brasil Central - 1219/642-C, 1987)**

Chacareiro:

Todos nós fica estarecido porque o nosso conhecimento a nível de energia nuclear é muito pequeno, mas eu estou certo de que ao nascer essa decisão de ser depositado aqui esse produto, eu estou absolutamente certo e tranquilo, entendendo em primeiro lugar o nosso Governador do Estado mais o Prefeito Municipal está seguro de que todo esse material não trará prejuízos a mim que tenho uma propriedade contígua a essa propriedade da Prefeitura e aos demais vizinhos.

Prefeito Joaquim Roriz:

Em nome do Governador nós viemos aqui para contatar com os vizinhos dessa área que são poucos para lhes dizer que o Governo assume inteira responsabilidade pelo ato até com os prejuízos se por acaso houver com relação a

desvalorização dos seus terrenos, o Governo assume inteira responsabilidade para indenizá-los se for o caso, de forma que o Governo está empenhado em resolver e vai resolver já, aqui não será definitivo, será absolutamente, está, provisório. 32'18”.” (TV Brasil Central - 1219/642-C , 1987)

Numa tentativa de minimizar as preocupações dos moradores das áreas lindeiras ao depósito provisório de lixo radioativo, o Governador Henrique Santillo faz uma visita ao terreno em Abadia de Goiás onde além de ouvir dos engenheiros do CRISA e da CNEN, responsáveis pelo projeto e construção do depósito, as explicações sobre as obras de preparação do terreno, o Governador aproveitou ainda para reafirmar que o depósito será mesmo provisório, conforme matéria a seguir:

“Repórter:

47'21” Na chegada do Governador um pequeno incidente, a Polícia Militar fortemente armada formou uma barreira para impedir a entrada da imprensa, o acesso só foi liberado depois da autorização de um comandante que estava na área. Aqui, sem saber do incidente, o Governador ouviu dos engenheiros da CNEN e do CRISA, todas as explicações sobre as obras de preparação do terreno. Pelo mapa, o Governador foi informado sobre as condições de segurança que a obra vai oferecer. Henrique Santillo não sabe quanto tempo o lixo ficará aqui, mas garantiu que esse cemitério é mesmo provisório.

- O Senhor já teve a informação de quanto tempo o lixo vai ficar nessa área?



Fig. 18 - Policiais bloqueiam acesso ao depósito. Fotograma extraído em 47'35". Disponível em: **(TV Brasil Central - 1221/892-23, 1987)**

Governador Santillo:

Não, não é possível calcular isso ainda, isso vai depender de decisões futuras com o Governo Federal a respeito do destino definitivo do rejeito radioativo. O importante é que eu estou aqui para exigir que haja total e absoluta segurança na colocação provisória, transitória desses rejeitos radioativos nesse local.

Repórter:

Governador o Senhor acha que existe alguma possibilidade desse local acabar se tornando definitivo?

Governador Santillo:

Não, não há nenhuma possibilidade para isso. Há uma definição a nível de governo federal de que haverá no País um depósito definitivo, essa é uma exigência inclusive de caráter internacional

e isso será feito sem dúvida nos próximos dias. O projeto que o Presidente da República enviou ao Congresso Nacional estabelece a estocagem provisória e intermediária dos rejeitos radioativos nos Estados. Certamente haverá um local definitivo.

Repórter:

Governador, o Senhor pretende alugar uma chácara próximo aqui enquanto isso estiver aqui, pra mostrar para a população que não há perigo nenhum?



Fig. 19 - Governador Santillo em entrevista no depósito. Fotograma recortado em 48'06". Disponível em: **(TV Brasil Central - 1221/892-23, 1987)**

Governador Santillo:

Vou cuidar disso agora também, para estar aqui como exemplo. Eu acho que isso é importante para que a população saiba que eu não traria para cá minha família para colocá-la em situação de insegurança e risco de saúde e de vida.

Repórter:

Os operários estão trabalhando numa área de 210 por 250 metros quadrados. Nesta área serão construídas nove plataformas de concreto que terão dezoito metros de comprimento por vinte centímetros de altura, essas plataformas vão consumir dois mil e quinhentos metros cúbicos de concreto e cerca de dezoito mil sacos de cimento. Sobre essas plataformas ainda serão colocados pré-moldados com quinze centímetros de altura para receber as caixas de aço. Circulando a área vão ser construídas barreiras naturais com terra para absorver a água da chuva. A chuva fina que caiu hoje sobre Goiânia ainda não atrapalhou os trabalhos aqui na obra, mas os técnicos estão prevendo que se a chuva aumentar a obra poderá ficar paralisada, eles informaram que se tudo correr bem, a obra aqui ficará pronta em dez dias. Hoje o Secretário de Transportes informou que a remoção do lixo do centro da cidade poderá continuar porque os tambores poderão ser guardados provisoriamente naqueles containers de ferro. Secretário, as caixas encomendadas pela Secretaria vão ficar em cima das plataformas, qual o tipo de segurança que elas oferecem?



Fig. 20 - Secretário dos Transportes explica obras do depósito. Fotograma recortado em 50'57". Disponível em: (TV Brasil Central - 1221/892-23, 1987)

Secretário:

Bom essas caixas são de chapa de aço de um quarto de polegada, é nós já fizemos testes com essas caixas para suportar até três mil quilos, elas são totalmente vedadas com cantoneiras em suas extremidades e com tampa de vedação. Essas caixas ficarão não em cima diretamente das bases porque além das bases de concreto nós faremos mais concreto pré-moldado de 15 centímetros e após feito esse concreto é que elas serão colocadas em cima lá no local, após isso tudo será coberto com uma lona de alta resistência e assim ficará o material armazenado pelo prazo de três meses que é o prazo que a gente, é tá aí executando essa infraestrutura para esse depósito transitório.

Repórter:

Como a comissão de rejeitos está tendo dificuldades para acondicionar o lixo nos tambores,

foi encomendada a essa metalúrgica aqui a confecção de um mil e quatrocentos e vinte caixas de aço, cada caixa terá um metro e vinte quadrado, elas receberão os lixos radioativos que posteriormente serão levados para o cemitério atômico. O projeto aqui ainda está no início, mas até amanhã pela manhã uma das caixas já estará pronta para teste. 51'44”” (TV Brasil Central - 1221/892-23, 1987)

Apesar dos esforços do Governo do Estado e das autoridades da CNEN em minimizar os riscos de se instalar o depósito provisório naquele local, os moradores do distrito de Abadia de Goiás e da região do entorno continuam protestando contra a transferência do lixo radioativo do centro de Goiânia para a área escolhida, desconfiados das promessas do poder público eles não aceitam que o lixo seja depositado nesse local.



Fig. 21 - Manifestação na área do depósito provisório. Fotograma recortado em 03'51". Disponível em: (TV Brasil Central - 1220/1050-E, 1987)

“Repórter:

03'02" A escolha do local do depósito do lixo atômico está tirando o sono de muita gente. Quando o governo anunciou que os rejeitos radioativos seriam depositados provisoriamente nesta área da Prefeitura de Goiânia, os moradores de Abadia de Goiás e região ficaram em pé de guerra, eles não aceitam que o lixo seja depositado aqui, essa área próxima à GO-060 tem seis alqueires e fica a 25 quilômetros do centro de Goiânia e a dois quilômetros de Abadia de Goiás, diante das manifestações dos moradores da região a Polícia Militar montou um acampamento na área e o que se vê são policiais ao longo das estradas que dão acesso ao local. Nesse domingo os moradores realizaram um ato público das sete horas da manhã até as cinco horas da tarde e depois seguiram em passeata até Goiânia. 03'55" (TV Brasil Central - 1220/1050-E, 1987)

Mesmo com os constantes protestos, as equipes do CRISA iniciam os trabalhos de construção do depósito provisório com a movimentação de terra necessários para a criação dos platôs onde deverão ser concretadas as plataformas de concreto, nas quais serão acomodados os tambores e caixas metálicas contendo os rejeitos radioativos retirados das áreas isoladas no centro de Goiânia.³Essas obras iniciais de movimentação de terra deverão

3 Essas informações foram relatadas em entrevista do Engenheiro do CRISA responsável pelas obras ao Jornal da Band sobre o início das obras de construção do depósito provisório em Abadia de Goiás In: (TV Brasil Central - 1220/1050-F, 1987)

se estender pelos próximos cinco a dez dias, dependendo das condições climáticas. Ao mesmo tempo, a Comissão Nacional de Energia Nuclear começa a retirada do lixo radioativo do centro da cidade e durante a madrugada, numa operação sigilosa, o primeiro carregamento de material radioativo foi levado para a área do depósito, esse primeiro carregamento foi considerado um ato simbólico para tomada de posse do terreno. Dentro desse primeiro container foram acondicionados oito tambores com material utilizado nas vítimas internadas no Hospital Geral do INAMPS em Goiânia.

⁴Os técnicos da CNEN consideram que a partir desse momento, a prioridade deverá ser o transporte da parte sólida que restou do Césio-137 e que se encontra no pátio do prédio da Vigilância Sanitária, dentro de um tambor de metal coberto com duas camadas de concreto de trinta centímetros, em seguida, a retirada do restante do material contaminado deverá seguir o planejamento previsto pela Comissão de Rejeitos.

Um grupo de moradores se reuniu na entrada da área escolhida para o depósito, enquanto mais de duzentos soldados da Polícia Militar guardavam os portões numa tentativa de conter os protestos na região de Abadia de Goiás.

4 Essas informações foram noticiadas pelo Jornal Nacional veiculado pela Rede Globo de Televisão em matéria produzida pelo jornalista Carlos Dorneles da TV Anhanguera de Goiânia, afiliada da Rede Globo In.: (Rede Globo de Televisão - DVD-001-MT-001-2, 1987)



Fig. 22 - Repórter Cid Moreira apresenta Jornal Nacional. Fotograma recortado em 10'45". Disponível em: **(Rede Globo de Televisão - DVD-001-MT-001-6, 1987)**

“Apresentador Cid Moreira:

10'36” O acidente radioativo em Goiânia. Já está na cidade o robô paulista que vai ajudar a remover o lixo radioativo, o robô ainda não começou a funcionar, mas o trabalho dos técnicos não para, hoje a Comissão Nacional de Energia retirou quatorze tambores de lixo radioativo da Rua-17, nesta Rua mora Ernesto Fabiano, funcionário do fórum de Goiânia que levou um pedaço da cápsula de Césio-137 para casa.

Repórter Carlos Dorneles em off:

Nas áreas interditadas foi um dia inteiro em compasso de espera, os técnicos ainda precisam de algumas definições antes de transformar em rotina o transporte do material radioativo.

Repórter Carlos Dorneles:

É nas áreas mais contaminadas como essa no ferro-velho onde a cápsula do Césio foi aberta

que os técnicos vão precisar de muita precaução em pelo menos duas áreas, aqui na Rua 26-a e na Rua-57 os técnicos estão estudando a possibilidade de utilizar um robô e uma escavadeira movida a controle remoto para retirar o material mais contaminado, mas antes de qualquer decisão os equipamentos terão que ser testados.

Repórter Carlos Dorneles em off:

Os equipamentos chegaram ontem a noite de São Paulo, hoje os técnicos começaram a montagem do robô, ele será utilizado principalmente para levar um contador Geiger que vai detectar a radiação nos locais mais perigosos. A máquina operada por controle remoto se encarrega da retirada do material.

Repórter Carlos Dorneles:

Mesmo que eles não sejam usados, não significa que não vai dar para retirar os materiais mais contaminados?

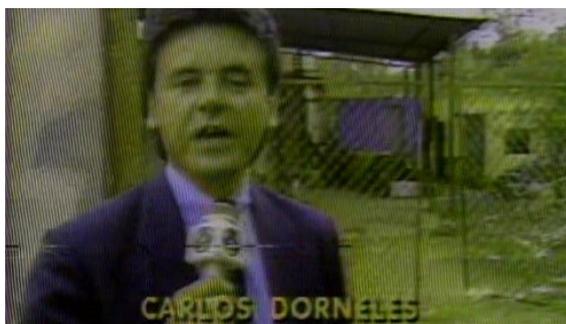


Fig. 23 - Repórter Carlos Dorneles apresenta matéria no Jornal Nacional. Fotograma extraído em 11'17". Disponível em: **(Rede Globo de Televisão - DVD-001-MT-001-6, 1987)**

Júlio Rosenthal – Coord. D CNEN:

Não claro que não, mesmo que eles não sejam usados a Comissão já está com a equipe montada pra fazer esse tipo de trabalho.

Repórter Carlos Dorneles em off:

No local provisório do lixo radioativo, máquinas gigantescas continuavam preparando o terreno. O Governador de Goiás Henrique Santillo visitou a obra, pra mostrar que não há perigo, chegou perto dos containers com material radioativo, os técnicos mostraram os desenhos dos nove cubos de concreto que serão construídos para evitar os contatos dos tambores de metal com o solo. Dezoito mil sacos de cimento serão utilizados, mesmo sendo uma obra de grande porte, o Governador de Goiás garante que esta não será a área definitiva.

Governador Santillo:

Tenho informações seguras de que a Comissão Nacional de Energia Nuclear estudou algumas áreas preliminarmente nesse país, antes do ocorrido em Goiânia e nenhuma delas está no Estado de Goiás, o que nós queremos é que isso seja decidido técnico cientificamente e não politicamente. 12'54”.” (Rede Globo de Televisão - DVD-001-MT-001-6, 1987)

⁵A partir desse momento, a preocupação dos técnicos se concentrava em liberar algumas áreas menos

5 Conforme matéria elaborada pelo repórter Carlos Dorneles da TV Anhanguera veiculada no Jornal Nacional In: (Rede Globo de Televisão - DVD-001-MT-001-5, 1987)

contaminadas, começando pela casa que pertence à mãe de ⁶Kardec Sebastião dos Santos, localizada em Anápolis. Kardec levou para sua casa em Goiânia uma pequena quantidade do pó de Césio-137 e poucos dias depois ele e sua família foram para Anápolis numa visita que durou menos de vinte e quatro horas, mas o suficiente para contaminar as três casas onde estiveram, sobretudo a de sua mãe, onde a contaminação foi maior.

Enquanto um grupo de técnicos recolhiam o lixo radioativo e colocava em tambores metálicos, outro grupo fazia uma medição constante do nível de radiação em volta desses tambores. No meio da tarde, após o término dos trabalhos, os técnicos da Comissão Nacional de Energia Nuclear decidem transportar os rejeitos para o depósito provisório em Abadia de Goiás usando uma estrada secundária⁷. Com a chegada dessa remessa, somam-se trinta tambores já acomodados no depósito provisório.

“Apresentador Cid Moreira:

19’07” Em Goiânia os técnicos ainda não conseguiram retirar todo o lixo radioativo, está tudo preparado para o início do trabalho pesado mas, até a chuva tem atrapalhado.

Repórter Carlos Dorneles em off:

Hoje foi um dia de mudança, mesmo com a palavra dos técnicos de que não há mais perigo pró-

6 Kardec Sebastião dos Santos era funcionário do ferro-velho de Devair.

7 A rodovia utilizada foi a GO-222 que dá acesso a Goiânia através das cidades de Goialândia e Nerópolis.

ximo das áreas interditadas, alguns moradores resolveram mudar de endereço.



Fig. 24 - Depoimento moradora ao Jornal Nacional. Fotograma extraído em 19'29". Disponível em: **(Rede Globo de Televisão - DVD-001-MT-001-10, 1987)**

Moradora 1:

Por uma questão de condições psicológicas né, de ficar aqui nesse lugar.

Repórter Carlos Dorneles em off:

Amanhã esse robô e essa escavadeira movidos a controle remoto devem ser utilizados na prática pela primeira vez, eles servirão para retirar o material mais contaminado desse ferro-velho para onde a cápsula de Césio-137 foi trazida antes de ser aberta, nas áreas interditadas está tudo pronto para o início rotineiro da retirada do material, um trabalho que só não começou por causa do atraso que as chuvas provocaram nas obras de concretagem da área onde serão colocados os mais de dois mil tambores com o material radioativo.

Repórter Carlos Dorneles:

Os técnicos calculam que dentro da cápsula havia apenas dezenove gramas do Césio-137, outros setenta e quatro gramas eram apenas de um aglutinador, um produto utilizado para manter o Césio no estado sólido, a preocupação agora dos técnicos é saber qual a quantidade exata do Césio que já pode ser recuperada, mas isso eles só vão saber com certeza depois que todo material que já está nos tambores for trazido aqui para a área provisória do lixo radioativo, os técnicos vão medir a radiação tambor por tambor. Para garantir que não restará qualquer resíduo, os técnicos continuam a operação limpeza. Aqui, alguns dos vinte soldados da Escola Especializada do Exército que vieram do Rio de Janeiro, retiram galhos de um pé de manga, onde foram encontrados resíduos de contaminação, no próprio solo a verificação terá que ser minuciosa,

Repórter Carlos Dorneles em off:

O Senhor acha que a chuva pode ter feito com que esses resíduos do Césio-137 tivessem penetrado mais no solo?

Júlio Rosenthal Coord. CNEN:

Sim a chuva sempre tem essa possibilidade, é claro, apesar de ser uma massa de argila que nós sabemos mais ou menos a profundidade em que está, essa chuva também ela espalha horizontalmente, que quanto mais espalha, mais

material nós temos que retirar. 21'12'” (Rede Globo de Televisão - DVD-001-MT-001-10, 1987)

⁸Mais de cem tambores estão nas áreas interditas no centro de Goiânia aguardando o término das obras do depósito provisório para serem transferidos. Das oito áreas interditas e identificadas por tapumes de Madeirit de cor avermelhada, apenas três são consideradas de alta contaminação, sobretudo onde se localizava o ferro-velho no qual a cápsula de Césio esteve guardada por algum tempo. Nessas áreas será necessária a utilização de equipamento movido a controle remoto para a retirada do lixo radioativo, pois o índice de contaminação é muito alto.

Enquanto não terminam as obras de construção do depósito provisório em Abadia de Goiás, os novos equipamentos continuam sendo utilizados para acomodar o lixo radioativo nos cento e nove tambores, enquanto os técnicos medem a radiação em cada um deles, várias vezes ao dia, para garantir até mesmo a segurança do motorista do caminhão que deverá levá-los. A partir desse transporte, deve começar a etapa mais complicada do processo de descontaminação, limpar com equipamentos sofisticados as três áreas onde estão pelo menos setenta por cento do lixo contaminado de Goiânia.

Em matéria produzida pelo repórter Carlos Dorneles e imagens de Joaquim Maranhão da TV Anhanguera, são relatados o transporte do primeiro material contaminado

8 Conforme descrição contida em matéria produzida pelo repórter Carlos Dorneles, com imagens de Joaquim Maranhão pela TV Anhanguera para o Jornal Nacional In.: (Rede Globo de Televisão - DVD-001-MT-001-15, 1987)

para o depósito provisório em Abadia de Goiás conforme transcrição seguinte:

“Apresentador Celso Freitas:

31'08” O local provisório onde vai ser colocado o lixo radioativo de Goiânia recebeu hoje o primeiro carregamento, foram quarenta e quatro tambores com o lixo que estava armazenado no Estádio Olímpico.

Repórter Carlos Dorneles em off:

A primeira etapa do transporte do material começou aqui no Estádio Olímpico de Goiânia, centenas de tambores foram identificados por números, dessa forma os técnicos vão ter um controle do conteúdo de cada tambor. Essas caixas de aço também vão ser utilizadas no transporte do material de tamanho maior. Hoje os técnicos retiraram esses fardos de papel e papelão contaminados da empresa COPEL, ela comprou o lixo de um ferro-velho contaminado, mas o maior carregamento foi retirado no início da tarde do Estádio Olímpico, são quarenta e quatro tambores com roupas, luvas e papéis utilizados pelos técnicos e pelas vítimas internadas no Hospital do INAMPS em Goiânia, aí tem até alguns pedaços do gramado do Estádio onde as vítimas ficaram por algum tempo, o material foi transportado por um comboio com batedores e carros de polícia até o local provisório do lixo radioativo, é o primeiro material a ser colocado numa das nove plataformas de concreto.



Fig. 25 - Repórter Carlos Dorneles em matéria no depósito provisório. Fotograma recortado em 32'26". Disponível em: **(Rede Globo de Televisão - DVD-001-MT-001-16, 1987)**

Repórter Carlos Dorneles:

Cada uma dessas plataformas tem capacidade para dois mil tambores e pelo menos quinhentas caixas de aço, mas a distribuição será rigorosamente calculada, nas beiradas serão colocados os tambores com material menos contaminado e no centro os tambores mais perigosos, são os tambores com o material ainda a ser retirado de três locais com alto índice de contaminação, os dois ferros-velhos onde havia fragmentos do Césio-137 e a casa de Roberto Santos Alves, na Rua-57 onde pelo menos metade dos dezoito gramas do Césio ficou por vários dias. 42'48" (Rede Globo de Televisão - DVD-001-MT-001-16, 1987)

Durante os próximos dias os técnicos da CNEN continuam as medições dos níveis de radiação nos tambores que deverão ser transportados para o depósito provisório,

⁹sobretudo na Rua 17-A, onde se encontram dezenove tambores com os rejeitos provenientes de uma parte da peça que continha o Césio-137 e que foi jogada dentro de um vaso sanitário. Na sede da Vigilância Sanitária, uma “*faxina química*”¹⁰ foi realizada e os rejeitos acomodados em noventa tambores, que juntamente com os dezenove da Rua 17-A, aguardavam a retirada para transporte para o depósito provisório.

“Repórter:

24’39” Mais de dois caminhões continuou os trabalhos de remoção dos tambores com rejeitos radioativos do centro de Goiânia, os caminhões eram escoltados por batedores da Polícia Militar. Um deles retirou três tambores da rua 17-A e depois seguiu até o depósito de lixo da Vila Moraes onde foram constatados níveis de radiação. Do ferro-velho do Devair foram retirados trinta e um tambores, ficaram para ser transportados da próxima vez mais dezessete tambores.

9 Conforme matéria produzida pela TV Brasil Central, onde reportagem relata o início da remoção de tambores do centro da cidade para o depósito provisório em Abadia de Goiás. In: (TV Brasil Central - 1225/0922-9, 1987)

10 Este termo “faxina química” foi utilizado originalmente pelos técnicos da CNEN para explicar o trabalho de descontaminação realizado na sede da Vigilância Sanitária em Goiânia.



Fig. 26 - Casa de Israel Batista. Fotograma recortado em 25'05". Disponível em : (TV Brasil Central - 1225/0922-9 (Cont.), 1987)

Repórter:

Na casa de Israel Batista dos Santos, foi retirado todo o lixo radioativo, inclusive o sofá onde ele dormia. Na parede da casa os técnicos da CNEN colocaram esse aparelho que acusa qualquer tipo de radiação, daqui uma semana eles voltarão para saber se a casa está contaminada.

Na Rua-57, os técnicos também tiveram muito trabalho, é que os trinta e dois tambores que estavam aqui começaram a ser removidos para o depósito provisório em Abadia de Goiás. O trabalho de remoção dos tambores teve a ajuda de um caminhão guindaste, enquanto os técnicos colocavam um container no caminhão, outros mediam o nível da radiação. 25'45'". (TV Brasil Central - 1225/0922-9 (Cont.), 1987)

Em 29 de outubro de 1987, o Presidente da CNEN – Comissão Nacional de Energia Nuclear - Rex Nazaré retorna a Goiânia para acompanhar pessoalmente os trabalhos de descontaminação das áreas isoladas, aco-

modação dos rejeitos radioativos e seu transporte para o depósito provisório do lixo radioativo em Abadia de Goiás e em entrevista à ¹¹TV Brasil Central, afiliada da Rede Bandeirantes de Televisão, informa que, no momento, o principal objetivo é uma reavaliação do planejamento para tentar agilizar as operações e tentar minimizar os prazos, sobretudo nas áreas da Rua 63, na COPEL e no ferro-velho de Devair na Rua 26-A, conforme transcrição abaixo:

“Repórter:

47’54” Hoje pela manhã a CNEN agilizou os trabalhos de remoção dos rejeitos em três áreas, na Rua 63 onde morava Vagner Mota, na COPEL onde estavam os fardos de papel contaminados e aqui no ferro-velho do Devair na rua 26-A.

Repórter:

Aqui parece que é uma das áreas mais quentes
Doutor?

Rex Nazaré Pres. CNEN:

É, é uma das áreas mais quentes.

11 Conforme matéria produzida pela TV Brasil Central para o Jornal da Band In: (TV Brasil Central - 1225/0922-18, 1987)



Fig. 27- Rex Nazaré em entrevista ao Jornal da Band. Fotograma extraído em 48'15". Disponível em: **(TV Brasil Central - 1225/0922-9 (Cont.), 1987)**

Repórter:

O que que tem aqui?

Rex Nazaré Pres. CNEN:

Olha aqui era o ferro-velho do Devair, aonde a fonte foi manipulada e aonde ele trouxe o material e em consequência essa é a razão desse ser um dos pontos mais quentes mas de qualquer maneira não há risco nenhum para a vizinhança durante essa operação.

Repórter:

Existe previsão de liberação de alguma área nos próximos dias?

Rex Nazaré Pres. CNEN:

Se Deus quiser de uma série delas.

Repórter:

E com relação a empresa que deverá ser contratada para ajudar, já foi decidido sobre isso?

Rex Nazaré Pres. CNEN:

Eles já estão trabalhando.

Repórter:

Quem que é?

Rex Nazaré Pres. CNEN:

Andrade Gutiérrez. 48'50" (TV Brasil Central - 1225/0922-18 (Cont.), 1987)

Em 13 de dezembro de 1987, ¹²cerca de setecentas caixas metálicas, juntamente com cinco containers marítimos e dois mil tambores contendo um total de um mil e seiscentos metros cúbicos de rejeitos radioativos, com uma massa equivalente a quase mil e setecentas toneladas, já estavam estocados no depósito transitório de Abadia de Goiás, faltava apenas a descontaminação final e limpeza da área isolada da Rua 57, considerada a mais contaminada e que só seria concluída uma semana depois, no dia 20 de dezembro de 1987.

2.3 O atendimento às vítimas.

Imediatamente após a identificação do acidente, a Comissão Nacional de Energia Nuclear inicia, no Estádio

12 Conforme relatório do Presidente da CNEN Rex Nazaré Alves apresentado a Comissão Parlamentar de Inquérito do Senado Federal em 10 de março de 1987. In: (Alves, 1988)

Olímpico, a triagem das pessoas contaminadas ou irradiadas com o Césio-137 e no dia 30 de setembro, onze pessoas contaminadas pela radioatividade já tinham sido transferidas para o Hospital Geral do INAMPS em Goiânia, onde começavam a receber os primeiros tratamentos em área isolada do hospital.¹³ Ao mesmo tempo, técnicos da CNEN examinam moradores das áreas próximas aos principais focos de contaminação e transferem para o Estádio Olímpico aqueles que apresentavam algum grau de contaminação, onde recebem tratamento especial com banhos químicos de médicos e técnicos da Comissão Nacional de Energia Nuclear, com o objetivo de promover sua descontaminação.

Os pacientes considerados mais graves são transferidos para o Hospital Naval Marcílio Dias no Rio de Janeiro onde recebem tratamento especializado assim,¹⁴ no dia primeiro de outubro mais seis pacientes são transferidos para o Rio de Janeiro transportados pela FAB, em seguida o HNMD divulga boletim com o estado de saúde deles, conforme matéria da repórter Sandra Moreyra veiculada em 03 de outubro com o seguinte conteúdo:

“Apresentador Celso Freitas:
00’00” Com a chegada ao Rio das quatro pessoas transferidas hoje de Goiânia, agora são dez os pacientes internados no Hospital Naval Marcílio Dias.

13 Conforme relatado em matéria produzida pela repórter Valéria Sfeir em 01/10/87 para o Jornal Nacional In: (Rede Globo de Televisão - AV-03, 1987)

14 Conforme relatório do Acidente Radiológico em Goiânia apresentado por Rex Nazaré a Comissão Parlamentar de Inquérito do Senado Federal In: (Alves, 1988)

Repórter Sandra Moreyra em off:

Três casos são considerados muito graves, Roberto Santos Alves de vinte e quatro anos, Devair Alves Ferreira de trinta e três dono do ferro-velho em Goiânia e a filha dele Leide de seis anos que inclusive ingeriu um pouco do material radioativos.

Repórter Sandra Moreyra:

Os três estão com radiodermite, as queimaduras provocadas pela radiação numa área extensa do corpo e além disso, tiveram destruição da medula óssea o que impede a renovação do sangue e reduz a capacidade imunológica por isso, têm pouca chance de sobrevivência, a única esperança no caso seria um transplante de medula óssea que ainda vai depender da resistência do organismo das três vítimas



Fig. 28 - Repórter Sandra Moreyra - Fotograma extraído do Jornal Nacional, gravado em 1987 (00'31") disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/acidente-radioativo-em-goiania-cesio-137.htm>

Repórter Sandra Moreyra em off:

Hoje por volta do meio-dia, três ambulâncias com pessoal equipado com roupas especiais e medidores de radiação deixaram o hospital para receber mais vítimas da contaminação, mais quatro pessoas foram trazidas para o Hospital Marçílio Dias, os quatro estão recebendo o mesmo tipo de tratamento das outras seis vítimas na contaminação radioativa, muita água, banhos com sabão neutro e medicamento radiogardase o azul da prússia. O estoque do medicamento no hospital só dá para uma semana, mas já foi providenciada a importação de mais doses.

Repórter Sandra Moreyra:

Como é que vai ser essa apuração de responsabilidades?

Rex Nazaré Pres. CNEN:

Olha nós é... abriremos um inquérito em que todas as informações sempre serão mantidas inteiramente abertas ao público, em que todas as responsabilidades serão apuradas. 01'30"”
(Rede Globo de Televisão - AV-06, 1987)

Em 14 de outubro, Roberto dos Santos Alves teve seu antebraço direito amputado e continuava internado e na semana seguinte¹⁵, um avião da Força Aérea Brasileira veio a Goiânia especialmente para buscar dois pacientes que se encontravam internados no HGG, com seu qua-

15 Conforme relatório do Acidente Radiológico em Goiânia apresentado por Rex Nazaré a Comissão Parlamentar de Inquérito do Senado Federal In: (Alves, 1988)

dro hematológico agravado em virtude dos altos níveis de contaminação que apresentavam: Maria Gabriela de Abreu de cinquenta e sete anos e Israel Batista dos Santos, conforme relatado em matéria da TV Brasil Central veiculada em 21 de outubro:

“Repórter:

01’18” No pátio do Aeroporto os parentes também gesticulavam muito, na hora da despedida, o marido de Maria Gabriela Domineu José de Abreu e seus dois filhos aproximaram da ambulância e a cena foi comovente, todos queriam dar uma palavra de força. O marido Sr. Domineu, não resistiu e chorou bastante. Maria Gabriela lembrou dos treze filhos que estava deixando em Goiânia e na hora de entrar no avião ainda deu mais um thau.



Fig. 29 - Maria Gabriela Domineu no aeroporto. Fotograma extraído do Jornal da Band em 01’54”. Disponível em: (TV Brasil Central - 1220/1050-G, 1987)

Repórter:

Sr. Domineu ainda tem muita esperança que Dona Maria vai voltar sadia?

Sr. Domineu:

Ah, eu acredito muito em Deus viu, eu querdito. As coisas que nós já passou, dificuldade da vida que nós já passou, Deus vai recuperar ela pra mim viu.



Fig. 30 - Sr. Domineu no aeroporto. Fotograma extraído do Jornal da Band em 02'12". Disponível em: (TV Brasil Central - 1220/1050-G, 1987)

Repórter:

Vai ficar rezando por ela?

Sr. Domineu:

É direto né, Cada vez que a gente ve ela, os reporte, é uma fincada que dá no coração da gente.

Repórter:

Por que que eles foram transferidos para o Rio de Janeiro?

Diretor Geral do HGG, Dr. José Augusto

Esses dois pacientes houveram uma piora do seu estado geral e do comprometimento hematológico e houve a necessidade de transferência para o hospital melhor preparado para esse tipo

de paciente nesse estágio, com um ambiente mais estéril, também dois outros pacientes foram transferidos para FEBEM e alta hospitalar e hoje nós temos com seis pacientes hospitalizados no Hospital Geral de Goiânia. 02'51” (TV Brasil Central - 1220/1050-G, 1987)

O mesmo avião da FAB que levou os dois pacientes para o Hospital Marcílio Dias no Rio de Janeiro, retornou no dia seguinte a Goiânia trazendo Ernesto Fabiano, considerando que não justificava mais sua presença no HNMD devido a sua melhora clínica e laboratorial.¹⁶ Juntamente com Ernesto Fabiano, deveria ter sido transferido para o HGG em Goiânia, Alan Kardec, entretanto, os médicos do HNMD acharam melhor que ele permanecesse no Rio, pois ainda apresentava sintomas de febre alta e processo infeccioso.

No dia 23 de outubro morrem no Hospital Naval Marcílio Dias no Rio de Janeiro as duas primeiras vítimas do acidente radioativo com o Césio-137 – A menina Leide das Neves Ferreira de seis anos e Maria Gabriela Ferreira de trinta e oito anos.

“Apresentador Cid Moreira:
00'00” O acidente radioativo em Goiânia. Morreu hoje no Hospital Naval Marcílio Dias no Rio a primeira vítima da contaminação radioativa, é Maria Gabriela Ferreira, mulher do dono do ferro-velho onde foi aberta a cápsula do Césio-137.

16 Conforme relatado em matéria produzida pela TV Brasil Central para o Jornal da Band com entrevista do médico Dr. Augusto Bastos, diretor geral do Hospital do INAMPS In: (TV Brasil Central - N.I. 1220/1050-I, 1987)



Fig. 31 - Maria Gabriela Ferreira - Fotograma extraído do Jornal Nacional, gravado em 1987 (00'21") disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/acidente-radioativo-em-goiania-cesio-137.htm>

Apresentador Cid Moreira em off:

Maria Gabriela Ferreira tinha trinta e oito anos, essas imagens foram feitas em Goiânia depois do acidente radioativo, ela chegou a ser internada no Hospital Geral do INAMPS, mas teve que ser transferida para o Rio. No aeroporto antes de embarcar, Maria Gabriela fez um sinal para mostrar como estava se sentindo. 00'36" (Rede Globo de Televisão - AV-07, 1987)

Três dias depois, chegam a Goiânia os corpos das duas primeiras vítimas do Césio-137 que estavam internadas no Hospital Marcílio Dias no Rio de Janeiro. O cortejo saiu do Aeroporto Santa Genoveva, percorreu 10 quilômetros até chegar ao Cemitério Parque, onde as vítimas foram enterradas em sepulturas especiais.

“Repórter:

54'34" O avião Hércules C-130 da Força Aérea Brasileira pousou no aeroporto de Goiânia a

uma e meia da tarde. No aeroporto aguardavam a chegada dos corpos o Governador Henrique Santillo, o Coordenador da CNEN José Júlio Rosenthal com sua equipe técnica e Maria Aparecida, irmã de Maria Gabriela Ferreira. Os caixões com os corpos de Leide das Neves e Maria Gabriela vieram nesse furgão. Dentro do avião vieram também os médicos legistas Fortunato Badan, Nelson Macine e dois técnicos da CNEN. Antes de seguir para o cemitério, o furgão com os corpos das duas vítimas do acidente radioativo ficou parado aqui no hangar do Estado cerca de vinte minutos, nesse instante foram colocadas várias coroas de flores em cima do carro, uma delas era uma homenagem dos servidores do Hospital Marcílio Dias. Ao lado do carro a irmã de Maria Gabriela assistia tudo chorando baixinho. O cortejo saiu do aeroporto acompanhado por batedores da polícia militar, várias ambulâncias e dezenas de outros carros. Nas ruas por onde passou o cortejo chamou a atenção das pessoas.



Fig. 32 - Irmã de Maria Gabriela Ferreira. Fotograma extraído do Jornal da Band em 55'27". Disponível em: **(TV Brasil Central - N.I. 1221/892-26, 1987)**

O cortejo com os corpos de Leide das Neves Ferreira e Maria Gabriela Ferreira passou por quatro bairros de Goiânia num percurso de dez quilômetros até chegar aqui no cemitério Parque onde serão enterradas em sepulturas especiais. 55'55”.” (TV Brasil Central - N.I. 1221/892-26, 1987)

A chegada dos corpos das primeiras vítimas no cemitério Parque em Goiânia foi marcada por muita confusão, os moradores dos bairros próximos ao cemitério, orientados por um vereador do município de Goiânia, tentaram impedir o enterro com uma manifestação que protagonizou um dos momentos mais marcantes do acidente radioativo com o Césio 137 em Goiânia. Numa matéria produzida pela TV Anhanguera com imagens de Joaquim Maranhão, o repórter Carlos Dorneles faz um relato desse momento trágico:

“Apresentador Cid Moreira:

16'34” Em Goiânia houve muita confusão durante o enterro das duas vítimas da radiação, os moradores dos bairros próximos ao cemitério tentaram impedir o enterro, os corpos de Maria Gabriela Ferreira e Leide das Neves Ferreira chegaram a cidade no início da tarde

Repórter Carlos Dorneles em off:

O avião Hércules da Força Aérea Brasileira chegou a Goiânia a uma e meia da tarde, a operação da caminhonete que trazia os caixões foi muito rápida, o Governador de Goiás Henrique San-

tillo e Maria Aparecida Ferreira irmã de Maria Gabriela, vieram até a pista do aeroporto, antes de sair o cortejo foram colocadas flores sobre a caminhonete, Maria Aparecida se emocionou. Batedores da polícia abriram caminho pela cidade, o cortejo atravessou quatro bairros de Goiânia, um percurso de dez quilômetros até o cemitério.

Repórter Carlos Dorneles:

Quando o cortejo chegou aqui no cemitério, uma manifestação inesperada, os moradores da região resolveram protestar contra o sepultamento das duas vítimas da radiação nesse cemitério. Um grupo de jogadores jogava pedras, gritava e tentava se atirar ao chão para impedir a passagem do cortejo. No meio de toda essa confusão, muitos moradores apoiavam o sepultamento nesse local.



Fig. 33 - Manifestação no cemitério. Fotograma extraído do Jornal da Band em 17'39". Disponível em: **(Rede Globo de Televisão - DVD-001-MT-001-9, 1987)**

Moradores gritam em coro: “enterra, enterra, enterra...”

A polícia acabou com a manifestação e com um cordão de isolamento foi permitindo a chegada do cortejo. A operação de retirada dos caixões foi muito lenta, oito homens puxavam o caixão com o corpo de Maria Gabriela Ferreira que pesava mais de quinhentos quilos, por dentro ele tem uma camada de chumbo de meio centímetro de espessura, a tampa de madeira foi aberta rapidamente para que a família pudesse ver o rosto de Maria Gabriela por um visor. Para retirar o caixão com o corpo da menina Leide Ferreira, foram necessários doze homens, o caixão era mais pesado, quase setecentos quilos, a camada de chumbo era duas vezes mais espessa e o caixão não foi aberto, não havia visor porque o nível de radiação do corpo da menina era bem maior. Dona Lurdes Ferreira mãe de Leide, nem pode ver o sepultamento, não suportou e foi embora amparada. Um guindaste foi utilizado para levar os caixões até as sepulturas que serão mais profundas do que o normal e revestidas por trinta centímetros de concreto, elas foram fechadas com outra camada de concreto de trinta centímetros. Durou mais de duas horas o trabalho de sepultamento das duas primeiras vítimas de um acidente nuclear no País. 19'04”” (Rede Globo de Televisão - DVD-001-MT-001-9, 1987)

O Governador de Goiás Henrique Santillo ¹⁷decreta luto oficial por três dias pela morte das duas primeiras vítimas justamente no dia em que Goiânia completava cinquenta e quatro anos, assim todas as festividades foram canceladas, mantendo-se apenas a missa campal na Praça Cívica no centro da cidade, onde uma multidão rezou em silêncio, acompanhados pelo Governador de Goiás Henrique Santillo e pelo então Deputado Federal Ulisses Guimarães.

Em entrevista a TV Brasil Central veiculada na emissora local e posteriormente em cadeia nacional no Jornal da Band, o Interventor de Goiânia Joaquim Roriz informa o cancelamento de todas as festividades de comemoração do aniversário de Goiânia em solidariedade às vítimas, conforme transcrição dessa matéria a seguir:

“Interventor Joaquim Roriz:

38’48” Tudo o que é festivo não haverá mais, nós não teremos mais foguetório, não teremos festas noturnas, não teremos shows artísticos, shows artísticos de forma sensacionalista, apenas alguns shows mais sóbrios, enfim tudo aquilo que transformaria o ambiente é simplesmente euforismo, ele terá que ser comedido de forma que a festa terá, porque nós estamos na verdade com o coração partido, de um lado estará a repressão, nós teríamos que termos que parar em solidariedade as vítimas, mas do outro está o dever de comemorar o aniversário de uma cidade que tem que restabelecer a sua normalidade.

17 Conforme relatado em matéria produzida pela TV Anhanguera com matéria do repórter Carlos Dorneles para o Jornal Nacional In: (Rede Globo de Televisão - DVD-001-MT-001-8, 1987)



Fig. 34 - Prefeito interventor Joaquim Roriz. Fotograma extraído do Jornal da Band em 38'56". Disponível em: (TV Brasil Central - N.I. 1220/1050-J, 1987)

Repórter:

Goiânia está de luto oficial?

Joaquim Roriz:

Perfeitamente, está de oficial porque nós estamos vendo esse episódio dessas vítimas como mártires, elas foram vítimas efetivamente de um brutal assassinato por negligência e por não dos goianos mas do sistema de fiscalização por parte, podemos dizer assim do Conselho de Energia Nuclear do Brasil que não funcionava e os goianos foram as grandes vítimas e que vai servir de exemplo não só para Goiás, pro Brasil mas para todo o mundo que a política nuclear terá que ser mudada e esses óbitos servirá para nós não como um simples óbito mas como marco e exemplo para todo o universo. 40'20". (TV Brasil Central - N.I. 1220/1050-J, 1987)

Nos dias 27 e 28 de outubro respectivamente, faleceram no Hospital Naval Marcílio Dias no Rio de Janeiro, mais duas vítimas do acidente radiológico de Goiânia: Israel Batista dos Santos de vinte e dois anos e Admilson Alves de Souza com dezoito anos. A chegada dos corpos a Goiânia e o enterro no Cemitério Parque, o mesmo onde foram sepultadas as duas primeiras vítimas, foi acompanhada pelo repórter Carlos Dorneles com imagens de Joaquim Maranhão, conforme matéria veiculada em 29 de outubro:

“Apresentador Cid Moreira:

23'04” O acidente radioativo em Goiânia. Mais duas vítimas da radiação foram enterradas em Goiânia, Israel Batista dos Santos e Admilson Alves de Sousa, os corpos foram transportados do Rio hoje de manhã.

Apresentador Cid Moreira em off:

Um rabeção especial com carroceria reforçada e mais larga levou os dois caixões, cada um pesando mais de setecentos e cinquenta quilos, do Hospital Naval Marcílio Dias até a Base Aérea do Galeão o rabeção foi escoltado por dois carros da Polícia Federal. Na Base Aérea o rabeção foi embarcado no avião Hércules da Força Aérea Brasileira e as dez e meia levantou voo para Goiânia.



Fig. 35 - Enterro de Israel e Admilson - Cemitério Parque. Fotograma recortado em 23'53". Disponível em: **(Rede Globo de Televisão - DVD-001-MT-001-12, 1987)**

Apresentador Cid Moreira:

Os corpos chegaram a Goiânia no início da tarde, o enterro foi no mesmo cemitério onde estão as outras duas vítimas da radiação.

Repórter Carlos Dorneles em off:

No cemitério Parque, dessa vez havia até um pelotão da polícia de choque para impedir manifestação de moradores contra o sepultamento nessa área, os caixões pesando mais de quinhentos quilos cada um foram retirados com dificuldade, as famílias puderam ver o rosto das vítimas pela última vez. Os dois túmulos foram cobertos por placas de concreto de trinta centímetros de espessura, a maioria dos parentes nem conseguiu assistir ao sepultamento.

Repórter Carlos Dorneles:

Com o atraso nas obras de concretagem da área provisória do lixo radioativo, mais uma vez os técnicos tiveram que adiar o início do transporte

em grandes quantidades do material contaminado, a previsão agora é de que só no domingo o robô e a retro escavadeira movido a controle remoto serão utilizados aqui nesse ferro-velho, uma das áreas mais contaminadas. Os técnicos decidiram hoje que os moradores mais próximos desse local, serão retirados temporariamente durante as operações por medida de segurança. A rotina dos técnicos começou cedo, aqui no Estádio Olímpico, com a ajuda de soldados da Escola de Instrução Especializada do Exército eles montaram essa máquina, ela chegou de Belo Horizonte e vai servir para prensar o material contaminado que está nesses mais de cem sacos de plástico, são roupas, luvas, papéis contaminados que foram utilizados pelos técnicos e por vítimas da radiação, tem até pequenos pedaços do gramado do Estádio, onde no início algumas vítimas ficaram abrigadas. 25'16”” (Rede Globo de Televisão - DVD-001-MT-001-12, 1987)

No dia seguinte ao enterro de Israel e Admilson, ¹⁸mais dois pacientes que estavam internados no Hospital Geral do INAMPS, contaminados pela radiação foram transferidos para o Hospital Naval Marcílio Dias no Rio de Janeiro. Geraldo Guilherme da Silva era empregado do ferro-velho onde a cápsula de Césio-137 ficou guardada por algum tempo e Edison Fabiano que chegou a levar uma parte do pó de Césio-137 para sua casa. Numa operação

18 Conforme reportagem de Carlos Dorneles, produzida pela TV Anhanguera para o Jornal Nacional em 30 de outubro de 1987 In: (Rede Globo de Televisão - DVD-001-MT-001-13, 1987)

carregada de emoção, os dois pacientes deixam o Hospital Geral do INAMPS e embarcam numa ambulância com destino ao aeroporto Santa Genoveva onde um avião da FAB os aguardava para transportá-los até o Rio de Janeiro.

A repórter Cileide Alves da TV Brasil Central, juntamente com vários outros jornalistas de outras emissoras, documentou a chegada ao aeroporto da ambulância com os dois pacientes que, enquanto aguardavam os preparativos para o embarque no avião da FAB, conversaram com os jornalistas conforme relato a seguir:

“Paciente Geraldo:

08’07” Do jeito que o Senhor queria, não queria ver eu vivo?,

Aí amigão, deseja muito boa sorte pra mim lá em! vê se ajuda eu aí. Pode troce bastante, eu tô contigo, aí ó, assim que eu chegar a primeira entrevista eu quero dar é pra você...

Repórter:

Como é que vocês dois estão se sentindo em?

Paciente Geraldo:

Tô sentindo bem graças a Deus, com muita força e fé em Deus nós vamos voltar bem sadios de lá.



Fig. 36 - Geraldo e Edison embarcam para o Rio de Janeiro. Fotograma extraído do Jornal da Band em 08'36". Disponível em: **(TV Brasil Central - N.I. 1225/0922-5, 1987)**

Reporter:

Vocês estão tranquilos ?

Paciente Edison:

Tamo bem tranquilo viu, melhor do que nós tava, antes quando nós tava lá dentro do hospital assim, atendimento muito bão assim, não temos nada que reclamar, muito bom, lá não temos nada que reclamar certo... lá vai ser melhor pra nós... a gente não pode ter medo da realidade né... 09'21"” (TV Brasil Central - N.I. 1225/0922-5, 1987)

O diálogo entre os repórteres e os dois pacientes segue enquanto são gravadas imagens de uma cena inusitada onde todos os jornalistas se colocam agachados estendendo seus microfones na direção dos entrevistados, ao mesmo tempo em que procuram manter uma certa distância, enquanto isso, no lado oposto o médico (Dr. Alexandre) que acompanhava os dois pacientes con-

versava tranquilamente sem se preocupar em manter distância.

Repórter:

09'45" "Eu queria saber quais os pacientes lá estão indo embora e se isso anima vocês?"

Paciente Edison:

E muito né, a primeira vez assim eu tava desanimado, meu problema foi na medula, baixou muito o nível do meu sangue... eles usaram as injeção nele lá então já...

Inclusive o Devair é um dos que foi mais pior, eu achei que ... e ele tá voltando.



Fig. 37 - Reporteres agachados no aeroporto. Fotograma extraído do Jornal da Band em 13'07". Disponível em: (TV Brasil Central - N.I. 1225/0922-5, 1987)

Repórter:

E lá no Hospital Geral tá bom, o ânimo do pessoal tá bom?

Paciente Edison:

Tá tudo jóia lá no hospital, tá tudo bacana.

Reporter:

E o Lucimar como é que ele tá?

Paciente Edison:

O Lucimar tá bão, é custoso demais lá dentro do hospital.

Paciente Geraldo:

Ele é o que mais dá tralho lá dentro, ele é o que corre demais, dá chute, não fica quieto.

Repórter:

Geraldo quantos filhos você tem?

Paciente Geraldo:

Eu tenho dois. (Reginaldo e Rafael)

Repórter:

Viu seus filhos hoje?

Paciente Geraldo.

Vi, vi sim, fiquei muito satisfeito que o Dr Alexandre tenha me dado a ele a responsabilidade...

Repórter:

E você tem quantos?

Paciente Edison:

Eu tenho três, a Cristiane, Patricia e Marcelo. Graças a Deus minha família eu vi tudo hoje.

Paciente Geraldo:

A minha mulher teve lá, eu achei muito bão, meu

cunhado, todo mundo teve lá me visitando, eu achei bão, ótimo, coisa que eu nunca tinha visto fazer eles fizeram pra mim...

Repórter:

Vocês não tem a sensação de que estão doentes então?

Paciente Edison:

Não, eu não, prá mim acho que Deus já me curou.

Repórter:

Sua família está ficando onde?

Paciente Edison:

Ela está na FEBEM, talvez semana que vem vai ser liberada sabe. 12'23” (TV Brasil Central - N.I. 1225/0922-5, 1987)

No final da entrevista, a repórter Cileide Alves, em primeiro plano, passa a gravar uma das ¹⁹“cabeças” da reportagem enquanto o avião com os pacientes executa ao fundo, o taxiamento na pista para decolagem com a seguinte narração:

19 O termo “cabeça” é usado em televisão quando se grava uma sequência qualquer para posterior edição ou montagem de alguma matéria, nesse caso, a repórter Cileide Alves faz a gravação de uma “cabeça” com os comentários finais de sua reportagem.



Fig. 38 - Reporter grava cabeça no aeroporto. Fotograma extraído do Jornal da Band em 17'01". Disponível em: (TV Brasil Central - N.I. 1225/0922-5, 1987)

16'52" "O boletim sobre o estado de saúde dos dois pacientes é curto, diz apenas que está em estado regular de saúde com comprometimento hematológico, radiodermite em evolução e piora discreta. 17'05"." (TV Brasil Central - N.I. 1225/0922-5, 1987)

Assim que termina a gravação, o cinegrafista continua gravando a saída do avião, enquanto a repórter se retira rapidamente da cena e com seu microfone ainda aberto, comenta com seu cinegrafista sobre o medo que sentiu enquanto realizava a matéria, com a seguinte fala:



Fig. 39- Reporter grava cabeça no aeroporto em off. Fotograma extraído do Jornal da Band em 17'07". Disponível em: (TV Brasil Central - N.I. 1225/0922-5, 1987)

17'11" "Eu não tava dando conta de falar, olha o tanto que eu estou tremendo ... eu tô passando mal, olha aqui eu não tô conseguindo nem falar. 17'34".” (TV Brasil Central - N.I. 1225/0922-5, 1987)

No dia de finados daquele mesmo ano, o Jornal da Band publica matéria produzida pela TV Brasil Central informando que no cemitério Parque onde foram enterradas as quatro primeiras vítimas do acidente radioativo de Goiânia, foi grande a visitação do público e curiosamente, os túmulos das quatro vítimas do acidente radiológico foram os mais procurados pelas pessoas que compareceram em massa para rezar ao ar livre e ao mesmo tempo ver de perto os túmulos da garota Leide Ferreira, Maria Gabriela, Israel e Edmilson.

A partir desse momento, os pacientes mais contaminados que estavam em tratamento no HNMD no Rio, começam a retornar a Goiânia, assim, no dia 4 de novembro, foram transferidos do Hospital Naval Marcílio Dias no Rio para o Hospital Geral do INAMPS os pacientes Ivo Alves Ferreira de quarenta anos, Devair Alves Ferreira com trinta e seis anos e Roberto dos Santos Alves de vinte e um anos pois, como já haviam apresentado melhoras significativas em seus quadros clínicos, poderiam continuar seus respectivos tratamentos no HGG em Goiânia, em seguida no dia 26 de novembro, foram transferidos para Goiânia mais três pacientes do Hospital Naval Marcílio Dias, Kardec e sua esposa Luiza Odete dos Santos e Maria Gabriela de Abreu que continuaram em tratamento

no Hospital Geral do INAMPS. Finalmente, no dia 10 de dezembro, foram transferidos os últimos três pacientes internados no Rio de Janeiro, enquanto Wagner Mota juntamente com Edson Fabiano e Geraldo Guilherme da Silva, que já haviam retornado do HNMD no Rio, continuavam seus respectivos tratamentos no Hospital do INAMPS em Goiânia.

Em 11 de dezembro, além dos doze pacientes que ainda continuavam internados no Hospital do INAMPS, outras quatorze pessoas com menor grau de contaminação foram mantidas em tratamento na unidade da FEBEM, juntamente com mais dez pacientes no albergue Bom Samaritano em Goiânia.

A última paciente a receber alta do Hospital Geral de Goiânia foi Maria Gabriela de Abreu em 17 de dezembro de 1987, de onde se deslocou imediatamente para sua residência na cidade de Inhumas há trinta quilômetros de Goiânia, finalizando assim, os trabalhos de atendimento de urgência e tratamento inicial das vítimas.

Em 9 de dezembro de 1987 foi criada a ²⁰FUNLEIDE – Fundação Leide das Neves com o objetivo de descobrir, analisar e acompanhar os males que a ação do Césio-137 pode causar nos seres humanos, assim, coube a essa Fundação continuar o acompanhamento e tratamento das vítimas do acidente radioativo com o Césio-137 em Goiânia. A criação da FUNLEIDE foi baseada no modelo da RERF – Radiation Effects Research Foundation, criada logo após o episódio da explosão da bomba atômica de

20 Essa Fundação recebeu seu nome como homenagem póstuma a garota Leide das Neves Ferreira, vítima do acidente com o Césio-137 em Goiânia.

Hiroshima no Japão, com o mesmo objetivo, estudar os efeitos da radiação.

Em novembro de 1999, por força da Lei nº 13.550, que modificou a organização administrativa do Poder Executivo, a FUNLEIDE foi extinta e suas competências transferidas para a Secretaria de Estado da Saúde (SES-GO), substituída então pela Superintendência Leide das Neves Ferreira (SuLeide).

No ano passado, em 2015, por conta da reforma administrativa e atendendo a recomendações do Ministério Público e do Tribunal de Contas do Estado, a superintendência foi transformada em Centro de Assistência aos Radioacidentados – CARA.

2.4 A Recuperação da Imagem de Goiás.

Com o rápido avanço dos boatos que surgiram em todo o País sobre os perigos da contaminação radioativa que ocorria em Goiânia, tanto os técnicos quanto o Governo do Estado, realizavam um esforço conjunto em prestar esclarecimentos à população na tentativa de se minimizar o temor das pessoas em relação a radioatividade, especificamente no caso do acidente de Goiânia. Assim, a primeira providência nesse sentido foi solicitar à SECOM –Secretaria de Comunicação do Estado - a criação de uma central de informações onde diariamente profissionais como o Físico Júlio Rosenthal coordenador da CNEN, Dr. Antônio Faleiros Secretário de Saúde do Estado de Goiás, juntamente com cientistas e técnicos que estavam em Goiânia e trabalhavam no acidente, prestavam informações detalhadas para imprensa.

Ao mesmo tempo, o Governador Henrique Santillo faz um pronunciamento em rede nacional de rádio e TV explicando como o Governo teve as primeiras informações sobre o acidente com o Césio-137, o controle dos órgãos de saúde, o preconceito com Goiás e a exploração da mídia sobre o acidente radioativo de Goiânia, conforme transcrição de seu pronunciamento transmitido pela TV Brasil Central em 1987, onde se lê:



Fig. 40 - Pronunciamento Governador Henrique Santillo. Fotograma extraído do Jornal da Band em 23'06". Disponível em: **(TV Brasil Central - N.I. 1221/892-13, 1987)**

Governador Santillo:

22'50" "A verdade não está sendo escondida do povo, foi um fato isolado, confinado em alguns pontos que rapidamente conhecido o evento se isolou a área desses pontos. Não houve nenhuma pessoa que se expusesse a radiação em Goiânia depois de conhecido o fato. É claro que não havia como proteger as pessoas antes do conhecimento do fato. Ele demorou 15 dias para ser conhecido. A pessoa que abriu aquele equipamento do Césio radioativo, abriu no dia 13 de setembro e ficou com ele, na casa dele, tendo

apenas seus parentes mais próximos e outras pessoas mais íntimas aproximado daquela peça, pego nela, segurado nela, porque ele achou que era um tesouro pra ele, ele até escondeu aquilo e só o fato veio ao conhecimento do governo e do público, das autoridades sanitárias, 15 dias depois quando ele começou a sentir os sintomas da, os primeiros sintomas, os primeiros sinais da síndrome radioativa que demora 15 dias para aparecer e aí como ele, sua esposa e uma filha começaram a sentir a mesma coisa ele descobriu que a coisa deveria ser com aquela peça que estava em casa e mandou um parente dele entregar lá na divisão de Vigilância Sanitária e imediatamente as pessoas que estavam ali trabalhando identificaram aquilo, mandaram chamar os técnicos, mediram a radioatividade e diagnosticaram logo: isso aqui é uma peça radioativa e ficou isolada lá no pátio até ser concretada. Ninguém mais se submeteu a radiação depois de conhecido o fato. Está confinado e sob controle desde os primeiros dias, desde os primeiros instantes sob controle e o exagero a essas alturas provoca o pânico sem razão porque olha, eu sou um homem carregado de defeitos mas vocês acham que se isso tivesse acontecendo na capital do meu estado eu não teria declarado situação de calamidade pública, eu teria feito isso no primeiro minuto, eu não o fiz porque eu conheço um pouco dessa questão, eu também já fui professor de atomística e conhecendo um pouco eu sabia desde o primeiro instante que se tratava

de um fato isolado, confinado aqueles pontos, que algumas pessoas apenas estavam contaminadas porque pegaram na peça e outras, poucas outras ficaram expostas durante um certo tempo às radiações sem contaminação e isso me deixa preocupado porque ao lado desse problema psicossocial com a população de Goiânia que fica em pânico, nós estamos tendo um outro problema porque a imagem que se passa em outros estados é a de um acidente nuclear como aquele do Chernobyl. Não é nem acidente nuclear isso aí, a constituição brasileira e a legislação federal pertinente, nem classifica isso de acidente nuclear, não é acidente nuclear isso aí. É emissão de radiações, é outro fenômeno, aquele lá foi na Rússia acidente nuclear, nos Estados Unidos foi um acidente nuclear, quando gases ionizados que transmitem radiações, emanam radiações foram poluir a atmosfera atingindo boa parte da população até de outros países, não é o caso de Goiânia e nós temos que fazer uma corrente pra não permitir, senhoras e senhores, que isso continue, porque ao lado do pânico vem a questão agora econômica. Eu sei que é delicado eu colocar isso porque de repente alguns podem dizer olha esse governadorzinho tá querendo é defender a economia do estado dele.



Fig. 41 - Pronunciamento Governador Henrique Santillo. Fotograma extraído do Jornal da Band em 27'52". Disponível em: (TV Brasil Central - N.I. 1221/892-13, 1987)

Mas é importante que eu diga também, é importante que eu diga também que a verdade, a população tem direito de conhecê-la por inteiro, sem se sonegar dela um detalhe sequer, isso é um direito da população, sagrado, mas a verdade, nada além dela, nada aquém dela, mas nada além dela também.

A economia do Estado relaciona-se com ela milhões de pessoas também. Prejudicada a economia na cidade de Goiânia, é 1.200.000 pessoas que são prejudicadas, eu acho que eu preciso dizer isso com toda a clareza, eu não devo nada, porque que eu vou ficar escondendo o que eu penso, essa é uma verdade, eu tenho que dizer isso ao Brasil inteiro que tenho essa preocupação também porque tem um milhão e duzentas mil pessoas que aqui vivem e que aqui trabalham e dependem da economia dessa cidade para sobreviverem, para construir o seu futuro e esse Estado com cinco milhões de pessoas e que não

podem ser prejudicados por mentiras, por boatos, por exageros. Nós não podemos permitir isso, eu como Governador não vou, eu vou até as últimas consequências, eu vou até o último furo para defender este Estado, até o último furo e preciso de contar com vocês, preciso de contar com o povo de Goiás. Eu não menti nunca ao povo de Goiás, nunca e não mentiria agora. Esse momento é o momento excepcional da nossa vida, nós temos que compreender isso e nós temos que compreender que a verdade por inteiro é essa, é aquele problema que está lá, já isolado, basta retirar esse nojento de rejeito radioativo dali pra que Goiânia não tenha nenhuma emanção radioativa, nem nos hotéis, nem nos hospitais, nem nos restaurantes, nem nas universidades, nem nas escolas, nem nas vilas e nós temos que dizer isso com a convicção de estar dizendo a verdade, nada além dela e nada aquém dela.



Fig. 42 - Pronunciamento Governador Henrique Santillo. Fotograma extraído do Jornal da Band em 28'31". Disponível em: (TV Brasil Central - N.I. 1221/892-13, 1987)

Esse é o momento crítico que nós vivemos senhores, por isso eu não estou alegre não, eu deveria estar alegre aqui, eu deveria estar assinando esses atos com alegria na alma, mas infelizmente não deu, perdoem-me por isso, eu assinei isso aqui triste, entristecido, preocupado, apreensivo com a situação de Goiânia e com a situação de Goiás. Muito obrigado a vocês, perdoem-me do alongado da palavra.” 30’43” (TV Brasil Central - N.I. 1221/892-13, 1987)

Ainda com o objetivo de se minimizar a onda de boatos e o pânico que o acidente gerou, o Governador Henrique Santillo procurou diversas redações dos grandes veículos de comunicação, sobretudo aqueles situados entre o eixo Rio-São Paulo, para explicar em detalhes a extensão da gravidade do acidente e a garantia do controle da situação.

“Em um programa de auditório, quando o apresentador anunciou que estava recebendo o governador de Goiás, ouviu-se uma grande vaia. Com serenidade, equilíbrio e segurança, Santillo concedeu a entrevista e ao final foi aplaudido de pé.” (Governo de Goiás, 2012 p. 18)

No começo do mês de dezembro de 1987, autoridades, técnicos e jornalistas se esforçavam em anunciar que Goiânia estava livre da contaminação radioativa; o povo goiano se uniu às autoridades e artistas numa campanha para resgatar sua autoestima que contou inicialmente com a visita da primeira bailarina do Teatro Municipal do Rio

de Janeiro, Ana Maria Botafogo, que apresentou um espetáculo de dança no Teatro Goiânia em solidariedade aos goianienses, contra a discriminação em consequência do acidente com o Césio-137.

Repórter:

21'20" "Qual vai ser a base da sua apresentação?"

Bailarina:

Bem, eu vou me apresentar aqui no teatro Goiânia, trago dois números, um clássico que é o *pà-deux-de de esmeralda* e um *sambinha nas pontas* que eu poderia dizer que é uma música bem brasileira, uma coisa gostosa de se ver e vou me apresentar em dois balés com um grupo do Grupo Musika e que será um balé moderno e será o balé *multitons* de Rodrigo Pederneiras no qual eu faço um *pà-deux-de* com um rapaz aqui de Goiânia... 21'54"



Fig. 43 - Entrevista Ana Maria Botafogo. Fotograma extraído do Jornal da Band em 21'23". Disponível em: (TV BRasil Central - N.I. 1220/1050-16 e 25, 1987)

Repórter:

... 21'31" Você decidiu vir a Goiânia apesar mesmo de toda a onda ante goiana que está varrendo o Brasil, por quê?

Bailarina:

Porque eu resolvi não só a dar crédito ao que todas as autoridades têm dito e não entrar exatamente nessa histeria que eu acho que tá todo povo brasileiro entrando em relação a Goiânia e dar o meu voto de confiança ao povo goiano e que eles também aqui, ninguém entre em pânico. Se eu estou vindo de fora é porque eu tenho confiança que nada aconteça, eu espero que aqui em Goiânia também ninguém ache que esteja, que é realmente o fim do mundo ou que pode ser contaminada a qualquer hora, que isso realmente não existe. Eu li muito a respeito, li toda as notícias escabrosas que inclusive saíram em outras partes do Brasil, mas eu quero me solidarizar com o povo goiano e acredito que isso não vai acontecer nada, acho que outros lugares, até o Rio a gente tenha perigo de outras contaminações que nós mesmos não sabemos. 23'30". (TV BRasil Central - N.I. 1220/1050-16 e 25, 1987)

Em seguida, a atriz Lucélia Santos também visita Goiânia em solidariedade às vítimas e se encontra com artistas locais como Ciron Franco e políticos como Fernando Gabeira do partido Verde para organizar a Jornada da Paz, um evento que deveria ser realizado após a retirada

do lixo atômico do centro da cidade e que teria como objetivo a vinda de especialistas de todo país para discutir e pensar a questão nuclear no Brasil, juntamente com um grande show pela vida:

“Repórter em off:

13'02” Depois da Audiência a própria Lucélia Santos explicou que os membros do Partido Verde vieram solidarizar-se com o Governador Henrique Santillo e também propor ao Estado a criação de um Centro Nacional pela Paz com o objetivo de promover em Goiânia uma jornada da paz, o grupo afirmou que o acidente com o césio um três sete tem grandes proporções e que também podem discutir toda a política nuclear brasileira. Lucélia Santos, Fernando Gabeiua, Ciron Franco e Dionezio querem ainda que toda a população seja mobilizada para exigir a retirada imediata do lixo atômico de Goiânia, eles garantiram que a realização de um grande show só será possível depois que o lixo sair da cidade.



Fig. 44 - Entrevista Lucélia Santos. Fotograma extraído do Jornal da Band em 13'53". Disponível em: (TV Brasil Central - N.I. 1219/642-K, 1987)

Lucélia:

A jornada da paz seria, evidentemente depois que esse lixo saia daqui, a vinda de pessoas importantes do Brasil inteiro para cá pra gente levantar o astral com, ajudar as pessoas a discutir, a pensar toda essa questão nuclear no Brasil e começando com um grande show pela paz e em respeito a vida humana que eu acho que é o ponto fundamental e é onde o projeto nuclear nunca se fixou nem nunca se refletiu a esse respeito. Eu acho que essa tragédia de Goiânia serviu para demonstrar o nosso despreparo, o despreparo de um modo geral até da comunidade científica e das pessoas que tiveram milhões de dólares para criar o projeto nuclear brasileiro num caso desses, a gente viu muito despreparado, muito fragilizado sem competência pra resolver o que quer que seja, eu acho, quando eu digo nós eu não me refiro a sociedade civil, eu me refiro evidentemente as pessoas que são responsáveis por isso.



Fig. 45 - Entrevista Fernando Gabeira. Fotograma extraído do Jornal da Band em 14'54". Disponível em: (TV Brasil Central - N.I. 1219/642-K, 1987)

Gabeira:

O que nós consideramos é que o Brasil teve no projeto nuclear milhões de dólares pra fazer essas pesquisas, gastaram esses dólares com outras coisas, no momento que surge o lixo atômico, agora resolvam, nós não podemos resolver, nós não temos condições nem o Estado de Goiás, nem nós temos condições de resolver essa situação agora, de resolvermos essa situação agora. Nós precisamos de apelar pela comunidade científica, pra comunidade universitária e iniciar um debate sério sobre o que fazer sobre esse assunto porque não é possível que você peça a congressistas ou a governadores de estado que nunca trataram da questão nuclear que definam um lugar pra guardar o lixo atômico, como se guardar lixo atômico fosse guardar um pouco de roupa que você tenha ou um sapato, mas não é isso. 15'31'” (TV Brasil Central - N.I. 1219/642-K, 1987)

Com o objetivo de evidenciar o pânico vivenciado pelos goianos e ao mesmo tempo denunciar sua indignação com a onda de discriminação contra o povo e o Estado de Goiás, Ciron Franco produz uma série de trabalhos que discutia as dimensões do acidente que era visto como uma catástrofe que havia se abatido sobre a cidade e principalmente sobre o bairro Popular onde o próprio artista vivera sua juventude e promove uma exposição em São Paulo composta por diversas telas de pintura. Também com um gesto de solidariedade ao povo goiano, a atriz Beth Faria

visita Goiânia e comparece ao Hospital Geral do INAMPS onde estava internado Devair Alves e ao sair do hospital, em entrevista à imprensa, a atriz afirmou: “*Goiano não contamina*” Governo de Goiás (2012, p. 20)

2.5 A Mídia e a Construção do Medo

Ao considerar a importância do gênero audiovisual como fonte documental neste trabalho, achamos oportuno assinalar aqui a grande quantidade de produções jornalísticas com diversas abordagens sobre o acidente radiológico com o Césio 137 em Goiânia. Com o objetivo de atingir as grandes massas e assim conseguir altos índices de audiência, frequentemente a mídia²¹ procura se utilizar de argumentos sensacionalistas, enfatizando fatos negativos como crimes hediondos, grandes acidentes e catástrofes de toda ordem disseminando assim, um sentimento de insegurança social aliada ao desenvolvimento da “*cultura do medo*”²².

“A cultura do medo possui forte influência na formação do imaginário das pessoas e tem como principal característica o sentimento coletivo de insegurança, provocado por percepções distorcidas da realidade impostas por setores alarmistas interessados no controle social ou na obtenção de lucro. Como efeito, é possível afirmar que a

21 Neste caso, entendemos como Mídia “o conjunto de meios ou ferramentas utilizados para a transmissão de informação ao público (televisão, rádio, internet, etc.)” conforme (Silveira, 2013 p. 295)

22 A expressão “*Cultura do medo*” tem sido trabalhada por vários autores, neste caso, consideramos os conceitos elaborados por (Silveira, 2013)

cultura do medo vem alterando profundamente o território e o tecido urbano, e conseqüentemente o comportamento dos indivíduos, uma vez que interfere diretamente na vida cotidiana da população, que se sente ameaçada e correndo perigo.” (Silveira, 2013 p. 296)

Os momentos de incertezas em que se desenvolveram as ações de controle do acidente radiológico com o Césio-137 em Goiânia, sobretudo em seus instantes iniciais, tiveram como principal consequência o desenvolvimento de um universo de sentimentos onde prevaleceu a insegurança e o medo, intensificando os sentimentos de desamparo das pessoas, sobretudo das vítimas do acidente.

Nesse contexto, a mídia desempenhou um papel primordial, com sua vocação alarmista, disseminando ideias obscuras sobre o acidente radiológico além de alavancar a construção da “*cultura do medo*”.

“O fato de que vivemos em uma sociedade extremamente complexa, onde o Estado que, na sua razão de existir, “prometia” aos indivíduos a proteção necessária em relação às ameaças inerentes a própria existência, por diversos motivos já não é mais capaz de cumprir este papel, facilita ainda mais a instalação do medo no inconsciente das pessoas.” (Silveira, 2013 p. 5)

Assim, o sentimento de insegurança gerado pela ação despropositada e em alguns casos por enfoques des-

contextualizados em relação a existência concreta do risco de contaminação radioativa, nesse caso, potencializou um clima generalizado de ansiedade social, contribuindo para a efetiva construção da “*cultura do medo*” levando as pessoas a desenvolver uma série de mecanismos de defesa como isolamento e discriminação das vítimas do acidente radiológico, além de uma nefasta divisão social acompanhada de uma divisão espacial entre vítimas e não vítimas da radiação com o Césio-137 que à época do acidente, tomaram a forma de uma verdadeira paranoia coletiva.

“Os meios de comunicação divulgavam o acontecimento e simultaneamente propagavam as consequências da exposição à radioatividade, como o comprometimento genético, o câncer, e, no limite, a morte. Nesse contexto, apossou-se de muitos habitantes da cidade o medo de estarem contaminados. Diante do sentimento de ameaça de que a população se viu tomada e frente às recomendações difundidas pelos técnicos no sentido de que as pessoas evitassem trafegar pelas áreas contaminadas e manter contato com indivíduos já identificados como expostos à radiação, medidas que eram indispensáveis para conter a expansão das consequências do acidente, o público reelaborou essas informações e passou a adotar um comportamento discriminatório, inicialmente em relação aos atingidos e, posteriormente, em relação a todos os moradores das áreas onde os focos mais graves foram identificados. Em seguida, num crescendo, esse

comportamento discriminatório foi estendido aos produtos e serviços comercializados nos bairros identificados como áreas do acidente, saltou os limites do município e as fronteiras do Estado e começou a se manifestar em relação às pessoas e mercadorias originárias de Goiás.” (Chaves, 2007 p. 2)

Aproximadamente um mês após o acidente, as vítimas diretas que se encontravam instaladas em hospitais ou albergues já apresentavam sintomas de “*despessoalização*”²³ onde, segundo Helou et al. (1995, p. 10), “*O desejo de voltar a ter contato com o mundo se contrapunha ao medo da rejeição social.*” Em seu aporte, Helou, et al. (1995) Segue afirmando que:

“Os radioacidentados albergados na Febem reagiam agressivamente contra suas instalações por estas também motivarem o medo, o desamparo, a discriminação e a perda. Depredavam o prédio e espalhavam fezes e urina pelas instalações, com o intuito de contaminar o ambiente. Entre eles eram frequentes os gritos, as crises de choro e os pedidos de socorro. Havia resistência às informações e ao tratamento precocizado, Entre as crianças, além do medo e da agressividade, percebia-se o sono sobressaltado, a enurese noturna e a fantasia da perda de membros.” (Helou, et al., 1995 p. 12)

23 Esse termo “despessoalização” foi usado e desenvolvido por (Helou, et al., 1995 p. 10)

As consequências da contaminação pela radiação como o desenvolvimento de leucemia, esterilidade, alterações genéticas, tumores sólidos e na medula óssea se constituíram na maior angústia entre as vítimas do acidente cerca de quatro anos após a ocorrência do evento. Lifon (1985), ao estudar as consequências e repercussões dos efeitos da bomba atômica de Hiroshima sobre suas vítimas, desenvolveu o termo “*grávidos da morte*”²⁴ ao perceber que anos depois, as vítimas da bomba de Hiroshima haviam desenvolvido o sentimento de “*carregar a morte dentro de si*”²⁵. A exemplo do que aconteceu com as pessoas atingidas pela radiação emitida pela explosão da bomba em Hiroshima, as vítimas do acidente com o Césio-137 em Goiânia, ao conviverem com a possibilidade de surgimento desses males a médio e longo prazos, acabaram desenvolvendo o mesmo sentimento, tornando-se também “*grávidos da morte*”.

24 Esse termo “grávidos da morte” foi desenvolvido por (Lifon, 1985)

25 Esse termo “carregar a morte dentro de si” foi desenvolvido por (Lifon, 1985)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao compreender a dinâmica contínua da construção do medo da radiação atômica como um processo que se estende indefinidamente e perpassa a constituição efetiva de cada evento dessa natureza, percebemos que apesar da característica finita desses acontecimentos, seja em Goiânia, em Chernobyl ou mesmo em Fukushima, suas materialidades são constantemente recriadas ou atualizadas sobretudo pelo processo narrativo da constituição do sentimento do medo radioativo pois este atravessa os eventos e se prolonga indefinidamente no tempo e no espaço.

Assim, a mídia televisiva, através de seus telejornais, tiveram uma grande contribuição na construção de um clima generalizado de ansiedade social com sua vocação alarmista, disseminando ideias equivocadas, ações despropositadas e enfoques descontextualizados sobre os reais riscos de contaminação e suas consequências, contribuindo de forma efetiva para a construção da *“cultura do medo”*.

A forte presença desse sentimento representado pelo medo da radiação atômica no seio dessas socieda-

des, alteraram inequivocamente toda a forma de se ver a energia nuclear, seja para fins pacíficos, no tratamento de doenças; seja para fins militares, com a construção de armas de destruição em massa, ou mesmo para geração de energia elétrica, ou ainda na forma como passaram a estabelecer suas relações interpessoais, considerando ainda seus efeitos políticos, econômicos e culturais que sem dúvida atravessaram fronteiras de estados nacionais, grupos sociais e até mesmo de indivíduos.

Ao inventar o medo da radioatividade provavelmente superior à sua representatividade, a sociedade em geral acaba criando um verdadeiro processo de demonização de todas as atividades ligadas a materiais radioativos, assim, mais do que a contaminação radioativa causada por um acidente como o ocorrido em Goiânia com o Césio-137, o medo de tal evento e de suas possíveis consequências, é capaz de gerar nas pessoas, mais danos do que a própria ameaça em si. Na sequência da ignorância coletiva incentivada por pessoas que promovem a disseminação de boatos e informações equivocadas, a disseminação do pânico cresce e contamina um número cada vez maior de pessoas assombradas mundo afora.

No ranking do medo que povoa o imaginário popular, os supostos efeitos malignos da contaminação radioativa ocupam uma posição de destaque pois, alimentado pela ficção, pelos boatos e pela ignorância, transformam em monstros aqueles que por algum motivo foram expostos a qualquer tipo de contaminação com material nuclear. Frequentemente tratados como algum tipo de extraterrestres, muitas dessas vítimas experimentam diversas formas

de preconceitos, muitas vezes pelo simples fato de serem oriundos de locais atingidos por tragédias como a que aconteceu em Goiânia ou mesmo Chernobyl, assim, o estresse e a ansiedade causados pelo pânico generalizado, mesmo provocados por eventos ocorridos em áreas remotas, possuem efeitos tão ou mais nocivos do que aqueles provocados pela própria radiação.

Ironicamente, as 19,26 gramas de Césio-137 que causaram toda a contaminação no trágico acidente radiológico de Goiânia fora produzido artificialmente, no auge da guerra fria, pelo mesmo “*reator B*” do Projeto Manhattan que fabricou o plutônio utilizado para a construção das milhares de bombas nucleares da guerra fria, inclusive as bombas de Hiroshima e Nagasaki - justamente onde tudo começou...

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1 – Apresentador Celso Freitas - Fotograma extraído do Jornal Nacional, gravado em 1987 (00'04") disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/acidente-radioativo-em-goiania-cesio-137.htm>.

Fig. 2 - Repórter Valéria Sfeir - Fotograma extraído do Jornal Nacional, gravado em 1987 (00'04") disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/acidente-radioativo-em-goiania-cesio-137.htm>.

Fig. 3 - Proprietário da Clínica IGR - Fotograma extraído do Jornal Nacional, gravado em 1987 (00'54") disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/acidente-radioativo-em-goiania-cesio-137.htm>.

Fig. 4 - Técnicos da CNEN - Fotograma extraído do Jornal Nacional, gravado em 1987 (00'15") disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/acidente-radioativo-em-goiania-cesio-137.htm>.

Fig. 5 - Apresentador Eliakim Araújo - Fotograma extraído do Jornal Nacional, gravado em 1987 (00'11") disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/acidente-radioativo-em-goiania-cesio-137.htm>.

Fig. 6 - Moradora 1 - Fotograma extraído do Jornal Nacional, gravado em 1987 (00'32") disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/acidente-radioativo-em-goiania-cesio-137.htm>.

Fig. 7 - Físico Julio Rosenthal, Coord. CNEN - Fotograma extraído do Jornal Nacional, gravado em 1987 (01'31") disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/acidente-radioativo-em-goiania-cesio-137.htm>.

Fig. 8 - Maria Gabriela, esposa de Devair, embarcando para o HNMD - Fotograma extraído do Jornal Nacional, gravado em 1987 (02'40") disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/acidente-radioativo-em-goiania-cesio-137.htm>.

Fig. 9 - Governador Henrique Santillo - Fotograma extraído do Jornal da Band gravado em 1987 (21'19") - Disponível em - (TV Brasil Central - 1221/892-12, 1987).

Fig. 10 - Presidente Sarney e Governador Henrique Santillo - Fotograma extraído do Jornal da Band Gravado em 1987 (09'03") - Disponível em - (TV Brasil Central - 1219/642-3, 1987).

Fig. 11 - Presidente Sarney em entrevista - Fotograma extraído do Jornal da Band (04'15") - Disponível em - (TV Brasil Central - 1219/642-3 (Cont.), 1987).

Fig. 12 - Presidente Sarney em entrevista ao Jornal da Band - Fotograma extraído do Jornal da Band (05'59") - Disponível em - (TV Brasil Central - 1219/642-3 (Cont.), 1987).

Fig. 13 - Interventor Joaquim Roriz em entrevista ao Jornal da Band. Fotograma extraído em 26'01". Disponível em: (TV Brasil Central - 1219/642-A, 1987).

Fig. 14 - Secretário Antônio Faleiros em entrevista ao Jornal da Band. Fotograma extraído em 32'27". Disponível em: (TV Brasil Central - 1219-642-B, 1987).

Fig. 15 - Governador Henrique Santillo em entrevista ao Jornal da Band. Fotograma recortado em 40'29". Disponível em: (TV Brasil Central - 1221/892-D, 1987).

Fig. 16 - Físico Júlio Rosenthal em entrevista ao Jornal da Band. Fotograma recortado em 29'27". Disponível em: (TV Brasil Central - 1219/642-C , 1987).

Fig. 17 - Chacareiro em entrevista ao Jornal da Band. Fotograma extraído em 31'14". Disponível em: (TV Brasil Central - 1219/642-C , 1987).

Fig. 18 - Policiais bloqueiam acesso ao depósito. Fotograma extraído em 47'35". Disponível em: (TV Brasil Central - 1221/892-23, 1987).

Fig. 19 - Governador Santillo em entrevista no depósito. Fotograma recortado em 48'06". Disponível em: (TV Brasil Central - 1221/892-23, 1987).

Fig. 20 - Secretário dos Transportes explica obras do depósito. Fotograma recortado em 50'57". Disponível em: (TV Brasil Central - 1221/892-23, 1987).

Fig. 21 - Manifestação na área do depósito provisório. Fotograma recortado em 03'51". Disponível em: (TV Brasil Central - 1220/1050-E, 1987).

Fig. 22 - Repórter Cid Moreira apresenta Jornal Nacional. Fotograma recortado em 10'45". Disponível em: (Rede Globo de Televisão - DVD-001-MT-001-6, 1987).

Fig. 23 - Repórter Carlos Dorneles apresenta matéria no Jornal Nacional. Fotograma extraído em 11'17". Disponível em: (Rede Globo de Televisão - DVD-001-MT-001-6, 1987).

Fig. 24 - Depoimento moradora ao Jornal Nacional. Fotograma extraído em 19'29". Disponível em: (Rede Globo de Televisão - DVD-001-MT-001-10, 1987).

Fig. 25 - Repórter Carlos Dorneles em matéria no depósito provisório. Fotograma recortado em 32'26". Disponível em: (Rede Globo de Televisão - DVD-001-MT-001-16, 1987).

Fig. 26 - Casa de Israel Batista. Fotograma recortado em 25'05". Disponível em : (TV Brasil Central - 1225/0922-9 (Cont.), 1987).

Fig. 27 - Rex Nazaré em entrevista ao Jornal da Band. Fotograma extraído em 48'15". Disponível em: (TV Brasil Central - 1225/0922-9 (Cont.), 1987).

Fig. 28 - Repórter Sandra Moreyra - Fotograma extraído do Jornal Nacional, gravado em 1987 (00'31") disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/acidente-radioativo-em-goiania-cesio-137.htm>.

Fig. 29 - Maria Gabriela Domineu no aeroporto. Fotograma extraído do Jornal da Band em 01'54". Disponível em: (TV Brasil Central - 1220/1050-G, 1987).

Fig. 30 - Sr. Domineu no aeroporto. Fotograma extraído do Jornal da Band em 02'12". Disponível em: (TV Brasil Central - 1220/1050-G, 1987).

Fig. 31 - Maria Gabriela Ferreira - Fotograma extraído do Jornal Nacional, gravado em 1987 (00'21") disponível em <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/coberturas/acidente-radioativo-em-goiania-cesio-137.htm>.

Fig. 32 - Irmã de Maria Gabriela Ferreira. Fotograma extraído do Jornal da Band em 55'27". Disponível em: (TV Brasil Central - N.I. 1221/892-26, 1987).

Fig. 33 - Manifestação no cemitério. Fotograma extraído do Jornal da Band em 17'39". Disponível em: (Rede Globo de Televisão - DVD-001-MT-001-9, 1987).

Fig. 34 - Prefeito interventor Joaquim Roriz. Fotograma extraído do Jornal da Band em 38'56". Disponível em: (TV Brasil Central - N.I. 1220/1050-J, 1987).

Fig. 35 - Enterro de Israel e Admilson - Cemitério Parque. Fotograma recortado em 23'53". Disponível em: (Rede Globo de Televisão - DVD-001-MT-001-12, 1987).

Fig. 36 - Geraldo e Edison embarcam para o Rio de Janeiro. Fotograma extraído do Jornal da Band em 08'36". Disponível em: (TV Brasil Central - N.I. 1225/0922-5, 1987).

Fig. 37 - Reporteres agachados no aeroporto. Fotograma extraído do Jornal da Band em 13'07". Disponível em: (TV Brasil Central - N.I. 1225/0922-5, 1987).

Fig. 38 - Reporter grava cabeça no aeroporto. Fotograma extraído do Jornal da Band em 17'01". Disponível em: (TV Brasil Central - N.I. 1225/0922-5, 1987).

Fig. 39 - Reporter grava cabeça no aeroporto em off. Fotograma extraído do Jornal da Band em 17'07". Disponível em: (TV Brasil Central - N.I. 1225/0922-5, 1987).

Fig. 40 - Pronunciamento Governador Henrique Santillo. Fotograma extraído do Jornal da Band em 23'06". Disponível em: (TV Brasil Central - N.I. 1221/892-13, 1987).

Fig. 41 - Pronunciamento Governador Henrique Santillo. Fotograma extraído do Jornal da Band em 27'52". Disponível em: (TV Brasil Central - N.I. 1221/892-13, 1987).

Fig. 42 - Pronunciamento Governador Henrique Santillo. Fotograma extraído do Jornal da Band em 28'31". Disponível em: (TV Brasil Central - N.I. 1221/892-13, 1987).

Fig. 43 - Entrevista Ana Maria Botafogo. Fotograma extraído do Jornal da Band em 21'23". Disponível em: (TV Brasil Central - N.I. 1220/1050-16 e 25, 1987).

Fig. 44 - Entrevista Lucélia Santos. Fotograma extraído do Jornal da Band em 13'53". Disponível em: (TV Brasil Central - N.I. 1219/642-K, 1987).

Fig. 45 - Entrevista Fernando Gabeira. Fotograma extraído do Jornal da Band em 14'54". Disponível em: (TV Brasil Central - N.I. 1219/642-K, 1987).

LISTA DE SIGLAS

| | |
|-----------|--|
| CRCN-CO | - Centro Regional de Ciências Nucleares do Centro-Oeste |
| NUCLEBRAS | - Empresas Nucleares Brasileiras |
| CNEN | - Comissão Nacional de Energia Nuclear |
| LABHOI | - Laboratório de História Oral e Imagem da Universidade Federal Fluminense |
| ABCC | - Comitê para as Vítimas da Bomba Atômica |
| IGR | - Instituto Goiano de Radiologia |
| IPASGO | - Instituto de Previdência e Assistência do Estado de Goiás |
| VISA-GO | - Vigilância Sanitária do Estado de Goiás |
| HDT | - Hospital de Doenças Tropicais |
| SAR | - Síndrome Aguda da Radiação |
| AIEA | - Agência Internacional de Energia Atômica |
| FURNAS | - Centrais Elétricas S/A |
| HNMD | - Hospital Naval Marcilio Dias |
| SES-GO | - Secretaria estadual de Saúde |
| HGG | - Hospital Geral de Goiânia |
| PM-GO | - Polícia Militar do Estado de Goiás |
| CBM-GO | - Corpo de Bombeiros Militar do Estado de Goiás |
| OSEGO | - Organização de Saúde do Estado de Goiás |
| SEMAGO | - Secretaria de Meio Ambiente do Estado de Goiás |
| CRISA | - Consórcio Rodoviário Intermunicipal S/A |
| FEBEM | - Fundação Estadual do Bem Estar do Menor |

| | |
|--------|---|
| FAB | - Força Aérea Brasileira |
| INAMPS | - Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social |
| COMURG | - Companhia de Urbanização de Goiânia |
| SEAC | - Secretaria de Assuntos Comunitários |
| LBA | - Legião Brasileira de Assistência |
| COPEL | - Cooperativa dos Catadores de Papel |
| IPEN | - Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares |
| DIN | - Departamento de Instalações Nucleares |
| CARA | - Centro de Assistência aos Radioacidentados |
| URSS | - União das Repúblicas Socialistas Soviéticas |
| USA | - United States of América |

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOGRAFIA CITADA

Barradas, Adriana. “Cinema Como Fonte Histórica: Possibilidades de Uma Nova História.” *Revista Livre de Cinema*, setembro a dezembro de 2014, 1 ed.: 20 a 33.

Campos, Rubio. *Ladrões de Cinema - A História Brincada*. Vol. único. Rio de Janeiro, RJ: Instituto de Arte e Comunicação Social - UFF, 2004.

Chaves, Elza Guedes. “Goiânia é Azul: O Acidente com o Césio 137.” *Revista UFG*, 08 de 2007.

Cohen, L., e I. Manion. “Métodos de Investigación Educativa.” 1990.

França, André Ramos. “Das Teorias do Cinema à Análise Filmica.” Salvador, BA, 2002. 157.

Ferreira, Udiele Ramos. “Filmes de Suspense/Terror: Uma Análise do Gênero com Ênfase no Cinema Nacio-

nal.” *Faculdade Pitágoras*. Edição 3. WEB. Londrina, PR, dezembro de 2008. http://www.pitagoraslondrina.com.br/midialogos/ed_03/discente/discenteUdiele.pdf.

Nova, Cristiane. “O Cinema e o Conhecimento da História.” *Olho da História - Revista de História Contemporânea*, 12 de 1996: 15.

Oliveira, Flávio Rodrigues de. “O Recurso Filmico Como Fonte Historiografica: Um estudo do filme como documento para uma contra-análise da sociedade.” *V Congresso Internacional de História*, 21-23 de 09 de 2011: 6.

Pontes, Maria Vânia Abreu, e Luiz Felipe Araújo Dias. “A Precarização da Vida na Era do Medo - Quem é o Inimigo. Quem é Voce.” *Cadernos de Graduação*, 2013, 1 ed.: 1-14.

Rockenbach, Fábio. “Concitos narrativos - Diegese.” *Ponto de Cinema*, 28 de 04 de 2014: 2.

Saint-Georges, Pierre de. “Pesquisa e crítica das fontes de documentação nos domínios económicos, social e político.” In: *ALBARELLO, Luc et al. Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, 1997: 15-47.

Viana, Nildo. *Psicanálise, Capitalismo e Cotidiano*. Goiânia, GO: Edições Germinal, 2002.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Alberti, Verana. *História Oral: A Experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro, RJ: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

—. *Ouvir e Contar: Textos em História Oral*. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2004.

Alves, Rex Nazaré. “Relatório do Acidente Radiológico em Goiânia.” Relatório de Atividades, CNEN - Comissão Nacional de Energia Nuclear, Goiânia, 1988, 109.

Associação das Vítimas do Césio-137. “II Dociê: Radioatividade - Césio-137.” Associação das Vítimas do Césio-137, Goiânia, s.d.

Aurello, L., F. Digneffe, J. Hiernaux, C. Maroy, D. Ruquoy, e D. & Saint-Georges. *Práticas e Métodos de Investigação das Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva, 1997.

Bagú, Sergio. *Tiempo, Realidad Social y Conocimiento*. Buenos Ayres, Buenos Ayres: Siglo XXI, 1973.

Barbosa, Tania Mara Alves. “A Resposta a Acidentes Tecnológicos: O Caso do Acidente Radioativo de Goiânia. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Sociologia da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra sob orientação do Prof. Dr. João Arriscado Nunes.” Coimbra, CO, 2009. 152.

Barradas, Adriana. “Cinema Como Fonte Histórica: Possibilidades de Uma Nova História.” *Revista Livre de Cinema*, setembro a dezembro de 2014, 1 ed.: 20 a 33.

Batista, Izaura Rita Silva, Maria das Graças Borges Nascimento, Ivanilde Vieira Batista, e Marivalda Marinho de Sousa. “O Acidente com o Césio 137 Sob o Olhar dos Trabalhadores de Vigilância Sanitária.” *Revist UFG - 2007*. Goiânia, GO: CEGRAF - UFG, 2007. 8.

BBC Brasil. “BBC Brasil.” *Ultimo Segundo*. BBC Brasil. 26 de abril de 2011. <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/vitima+do+cesio137+lembra+depressao+e+preconceito+apos+acidente/n1300099734999.html> (acesso em 17 de novembro de 2015).

Benjamin, Walter. *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo, SP: Perspectiva, 2009.

—. *O Narrador - Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. São Paulo, SP: Brasiliense, 1985.

Borges, Rogério, e Rute Guedes. “A Arte Imitando a Vida.” *O Popular*, 01 de outubro de 2006: 7.

Borges, Weber. *Eu Também Sou Vítima: A Verdadeira História Sobre o Acidente com o Césio em Goiânia*. Goiânia, Goiás: Kelps, 2003.

Campos, Rubio. *Ladrões de Cinema - A História Brincada*. Vol. único. Rio de Janeiro, RJ: Instituto de Arte e Comunicação Social - UFF, 2004.

Carvalho, Versanna. "G1/GO." *g1.com.br/goias*. Rede Globo . 11 de setembro de 2012. [HTTP://G1.GLOBO.COM/GOIAS/NOTICIA/2012/09/MAE-DA-MENINA-SIMBOLO-DA-TRAGEDIA-COM-O-CESIO-137-DIZ-SE-SENTIR-CULPADA.HTML](http://G1.GLOBO.COM/GOIAS/NOTICIA/2012/09/MAE-DA-MENINA-SIMBOLO-DA-TRAGEDIA-COM-O-CESIO-137-DIZ-SE-SENTIR-CULPADA.HTML) (acesso em 15 de 02 de 2016).

"Caso Matteucci, um Erro Judiciário." n. Edição Extra. Goiânia, Goiás: Kelps, 18 de outubro de 1981.

Chaves, Elza. *Atos e Omissões: Acidente com o Césio-137 em Goiânia*. Campinas, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 1998.

Chaves, Elza Guedes. "Goiânia é Azul: O Acidente com o Césio 137." *Revista UFG*, 08 de 2007.

Cohen, L., e I. Manion. "Métodos de Investigación Educativa." 1990.

Cosson, Rildo. *Romance-Reportagem: O Gênero*. São Paulo, SP: Imprensa Oficial do Estado, 2001.

Cruvinel, Maria de Fátima. "Literatura na Escola: Prática de Interpretação?." *In.: Revista Solta a Voz*. Vol. 17. Goiânia, GO: CEGRAF-UFG, 2006. 135-144.

Cruz, F. F. de Souza. “Radioatividade e o Acidente de Goiânia.” *Cad. Cat. Ensino de Física*, dezembro de 1987: 164-169.

Das, Veena. *Critical Events: An Anthropological Perspective on Contemporary India*. Oxford University Press, 1995.

“Deslindando o Mistério do Assassinato da Rua 74.” (Brasil Central) 1 (janeiro 1959): 1-59.

Duby, Georges. *Ano 1000, Ano 2000: Na Pista de Nossos Medos*. Tradução: Maria Regina Lucena B. Osório Eugênio Michel da Silva. São Paulo, SP: Editora da Unesp, 1998.

Ferreira, João. *Trilhas Míticas e realismo mágico em “Pão Cozido Debaixo de Brasa” de Miguel Jorge*. Disponível na Web. 08 de 02 de 2001.

Ferreira, Udiele Ramos. “Filmes de Suspense/Terror: Uma Análise do Gênero com Ênfase no Cinema Nacional.” *Faculdade Pitágoras*. Edição 3. WEB. Londrina, PR, dezembro de 2008.

Folha de Goiaz. “Wilson Matteucci Teria Contestado a Autoria do Assassinato da Rua 74.” *Folha de Goiás*, 16 de janeiro de 1959.

Fonseca, Vitória Azevedo da. “A Pesquisa Histórica e a Elaboração de Roteiros Cinematográficos. ” *ANPUH – XXIII Simpósio Nacional de História*, 2005.

—. “A Pesquisa Histórica e a Elaboração de Roteiros Cinematográficos.” *ANPUH-XXIII Simpósio Nacional de História*, 2005.

França, André Ramos. “Das Teorias do Cinema à Análise Filmica.” Salvador, BA, 2002. 157.

Franco, Siron. “Quarta Vítima, 1987.” *Série Césio.1987 1 fot. Cor. 155cm x 135cm - Técnica mixta sobre tela*. Goiânia, Goiás, 1987.

Gabeira, Fernando. *Goiânia, Rua 57: O Nuclear na Terra do Sol*. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara, 1987.

Governo de Goiás. “Revista Césio 25 Anos.” *Uma História para Relembrar e Prevenir*. n. Primeira. Goiânia, GO, setembro de 2012. 58.

Helou, Suzana, e Sebastião Benício da Costa Neto. *Césio-137 - Consequências Psicossociais do Acidente de Goiânia*. Goiânia, GO: CEGRAF, 1995.

Hobsbawn, Eric. *A Era dos Extremos*. 10. Vol. Único. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2008.

IBRACE - Instituto Brasil Central. *Sossie Radioativo Césio-137*. Goiânia, GO, 1988.

International Atomic Energy Agency. “The Radiological Accident in: Goiânia.” Vienna: IAEA, 1988.

CÉSIO-137 - O BRILHO DA MORTE. DVD. Direção: Luiz Eduardo Jorge e Laura Pires. 2003.

Jorge, Miguel. *Pão Cozido na Brasa*. 2ª Edição. Porto Alegre, RS: Mercado Aberto, 2004.

—. *Veias e Vinhos*. São Paulo, SP: Ática, 1982.

Jung, Carl Gustav. *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1977.

Junior, José Augusto Dias, e Rafael Roubicek. *Guerra Fria: A Era do Medo*. Vol. 1. São Paulo, SP: Ática, 2003.

Kehl, Maria Rita. “Elogio do Medo.” In: *Ensaio Sobre Medo*, por Adauto Novaes, 89-110. São Paulo, SP: SENAC São Paulo, 2007.

Kornis, Mônica Almeida. “Cinema e História: Um Debate Metodológico.” *Estudos Históricos*, 1992: 237-250.

CESIUS 13.7. DVD. Direção: Beto Leão e Angelo Lima. 2002.

Lifton, Robert Jay. *Hiroshima and ourselves*. 5. Vol. 254. JAMA, 1985.

AMARELINHA. DVD. Direção: Angelo Lima. S/D.

OPESADELO É AZUL. DVD. Direção: Angelo Lima. 2008.

Lima, Valentina da Rocha. “Problemas Metodológicos da História Oral.” *Fundação Getúlio Vargas, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, História Oral. I Seminário de História Oral.* Salvador, BA, 1983.

Macpherson, Crawford Brough. *A Teoria Política do Individualismo Possessivo de Hobbes até Locke.* Tradução: Nelson Dantas. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1979.

Milanez, Nilton, e Joseane Silva Bittencourt. “Materialidades da Imagem no Cinema: Discurso Filmico, Sujeito e Corpo em A Dama de Ferro.” *Revista Movendo Idéias*, jul. a dez. de 2012: 14.

Milarch, Aramis. “Césio 137, Um Documento-Drama da Tragédia Nuclear em Goiânia.” *O Estado do Paraná*, 01 de 12 de 1990: 03.

Ministério Público Federal de Goiás. “Entenda o Caso.” Arquivo da Coordenadoria de Documentação Jurídica, MPF-GO, Goiânia, S/D.

Montenegro, Antônio Torres. *História Oral e Memória: A Cultura Popular Revisitada.* São Paulo, SP: Contexto, 1992.

Moraes, Giovanni. *Elementos do Sistema de Gestão de SMSQRS - Segurança, Meio Ambiente, Saúde Ocupacional, Qualidade e Responsabilidade Social - Teoria da*

Vulnerabilidade. 2. Vol. 1. Rio de Janeiro, RJ: Gerenciamento Verde Editora e Livraria Virtual, 2009.

Moreira, Raul. “Roberto Pires foi cineasta pop.” *Caderno de Cinema*. Web. Salvador, Bahia, 07 de 04 de 2015.

Moura, Elieser de, e et al. “Apostila Educativa de Radioatividade.” Apostila, CNEN - Comissão Nacional de Energia Nuclear, Rio de Janeiro, 2000.

Ney, Cesar Luiz Vieira, entrevista feita por Eurípedes Monteiro de Oliveira Junior. “Cesio-137 - Entrevista 1 - Goiânia.” *Césio-137 - Entrevista 1 - Goiânia*. Goiania, GO, (28 de 08 de 2015): 5.

Nícoli, Ieda. “O Acidente em Goiânia.” CNEN - Comissão Nacional de Energia Nuclear, CNEM, Goiânia, S/D.

Nova, Cristiane. “O Cinema e o Conhecimento da História.” *Olho da História - Revista de História Contemporânea*, 12 de 1996: 15.

Nunes, José Walter. *Patrimônios Subterrâneos em Brasília*. São Paulo, SP: Snnablume, 2005.

Oliveira, Eliézer Cardoso de. *As Representações do Medo e das Catástrofes em Goiás*. Brasília, Distrito Federal: Universidade de Brasília, 2006.

—. *Estética da Catástrofe Cultura e sensibilidades*. Goiânia: Editora da UFG, 2008.

—. “Entre o Fascínio e o Horror: A Literatura de Catástrofe em Goiás.” *Revista de História e Estudos Culturais*, outubro, novembro e dezembro de 2007.

Oliveira, Flávio R. de. “O Recurso Filmico como Fonte Historiográfica: Um Estudo do Filme como Documento para uma Contra-análise.” *Anais do V Congresso Internacional de História*, 21-23 de 09 de 2011: 6.

Oliveira, Flávio Rodrigues de. “O Recurso Filmico Como Fonte Historiografica: Um estudo do filme como documento para uma contra-análise da sociedade.” *V Congresso Internacional de História*, 21-23 de 09 de 2011: 6.

Passos, Carlos. “Siron Franco: Goiânia, Rua 57, outubro de 1987.” *Revista da UFG*, 2007: 40-43.

Pereira, José Carlos Alves, entrevista feita por Eurípedes Monteiro de Oliveira Júnior. “Transcrição Entrevista 2.” *Entrevista 2 - Goiania*. Goiânia, GO, (28 de 08 de 2015): 6.

Peruzzo, Jucimar. *Armas Nucleares: Origem, estrutura, funcionamento, evolução e controle*. 1. Irani, SC: Jucimar Peruzzo, 2012.

Pimenta, Luciney Ribeiro, entrevista feita por Eurípedes Monteiro de Oliveira Júnior. “Cesio-137 - Entrevista 3.”

Cesio-137 - Entrevista 3 - Goiânia. Goiânia, GO, (28 de 08 de 2015): 3.

Pinto, Fernando. *A Menina que Comeu Césio*. Brasília, DF: Ideal, 1987.

Pires, Roberto. *CÉSIO 137: O PESADELO EM GOIÂNIA*. DVD. Direção: Roberto Pires. 1991.

Pontes, Maria Vânia Abreu, e Luiz Felipe Araújo Dias. “A Precarização da Vida na Era do Medo - Quem é o Inimigo. Quem é Voce.” *Cadernos de Graduação*, 2013, 1 ed.: 1-14.

Ricoeur, Paul. *Tempo e Narrativa*. Tradução: Constância Marcondes Cesar. Vol. Tomo I. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

Rockenbach, Fábio. “Concitos narrativos - Diegese.” *Ponto de Cinema*, 28 de 04 de 2014: 2.

Saint-Georges, Pierre de. “Pesquisa e crítica das fontes de documentação nos domínios económicos, social e político.” In: *ALBARELLO, Luc et al. Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais*, 1997: 15-47.

APOCALIPSE EM GOIÂNIA. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=DjokAVHUok>>. Direção: Farouk Salomão. 1987.

Santo, Marco Vinicius Pereira do Espirito. “Na Pista de Nossos Medos.” *V Congresso Internacional de História*, setembro 2011: 2553-2558.

Santos, Milton. *Território e Sociedade*. São Paulo, SP: Editora Fundação Perseu Abramo, 2000.

ANJO AZUL. DVD. Direção: Nelson Santos. S/D.

Secretaria de Estado da Saúde de Goiás. “Uma História para Relembrar e Prevenir.” Edição: Casa Brasil Comunicação. *Revista Césio 25 Anos* 1, n. 1 (2012): 58.

Seligmann-Silva, Márcio. *Catástrofe e Representação*. São Paulo, SP: Escuta, 2000.

Seligmann-Silva, Marcio. *História, Memória, Literatura: O Testemunho na Era das Catástrofes*. Campinas, SP: Unicamp, 2003.

Seligmann-Silva, Márcio. “Testemunho e a Política da Memória: O Tempo Depois das Catástrofes.” *Proj. História*, 2005b: 71-98.

—. “Narrar o Trauma - A Questão dos Testemunhos de Catástrofes Históricas.” *Revista de Psicologia Clínica*, 2008: 65-82.

Silva, Carlos Eduardo Cunha Martins. *A Difusão do Medo e a Banalização das Prisões Provisórias: Quando*

a Excessão Torna-se a Regra do Jogo. Rio de Janeiro, RJ, 2011.

—. *A Difusão do Medo e a Banalização das Prisões Provisórias: Quando a Excessão Torna-se a Regra do Jogo*. Vol. 1. Rio de Janeiro, RJ: PUC-Rio, 2011.

Silva, Telma Camargo. “Memória Corporificada, Marcas Urbanas e Esquecimento: A Descontaminação Simbólica no Caso do Desastre de Goiânia.” *VIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste (ABANNE)*, julho 2003.

—. “Memória Corporificada: Marcas Urbanas e Esquecimento: A Descontaminação Simbólica no Caso do Desastre de Goiânia.” *VIII Reunião de Antropólogos do Norte e Nordeste (ABANNE)*, 01 a 04 de julho de 2003.

Silveira, Felipe Lazzari da. “A Cultura do Medo e sua Contribuição para a Proliferação da Criminalidade.” *Mídias e Direitos da Sociedade em Rede - 2º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade*, 04, 05 e 06 de 06 de 2013, 2013 ed.: 295-309.

Teles, Edson M. *A Marca da Lembrança*. 2. Vol. 1. Haverhill, FL: New Global Publishing, 2007.

Thompson, Paul. *A Vóz do Passado: História Oral*. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1992.

Tuan, Yi Fu. *Espaço e Lugar: A Perspectiva da Experiência*. São Paulo, SP: Difel, 1983.

—. *Paisagens do Medo*. São Paulo, SP: Unesp, 2006.

—. *Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. São Paulo, SP: Difel, 1980.

RUA 57 NÚMERO 60 CENTRO. Direção: Michael Valim. S/D.

Valle, Fausto Rodrigues. “A Permanência do Azul.” *Cra- vos Sobre a Mesa*, 1992.

Viana, Nildo. *Psicanálise, Capitalismo e Cotidiano*. Goiânia, GO: Edições Germinal, 2002.

Vieira, Suzane de Alencar. “O Drama Azul: Narrativas sobre o Sofrimento das Vítimas do evento Radiológico do Césio-137.” Campinas, SP, 2010.

Wascheck, Carla de Camargo. “História do Acidente Radioativo em Goiânia. ” Goiânia, GO, 2013.

Weber, Aline Machado. “Dos Medos do Risco aos Riscos do Medo: Breves notas sobre a expansão penal.” *Conteúdo Jurídico*, 25 de 02 de 2013: 1-29.

CESIUM BLODET. Direção: Lars Westman. S/D.

Wilke, Valéria C. L., Leila B. Ribeiro, e Carmem I. C. de Oliveira. *A Informação Potencializada no Texto Fílmico*. Rio de Janeiro, RJ: UNIRIO, S/D.

Wojtowicz, Ana. *Roubados em Seus Sonhos, Uma Interpretação da Cobertura Jornalística do Acidente com o Césio 137 em Goiânia*. Brasília, DF: UnB, 1990.

REFERÊNCIAS DOCUMENTAIS

FILMES E VÍDEOS

DOUGLAS, Gordon. *THEM! – O MUNDO EM PERIGO*. [DVD]. 1954. Duração - 94 min. – Com transcrição de Eurípedes Monteiro de Oliveira Jr. – 2016.

LEÃO, Beto e LIMA, Angelo. *CESIUS 13.7*. [DVD]. 2002. Documentário.

LIMA, Angelo. *AMARELINHA*. [DVD]. S/D. Duração – 2':34”.

LIMA, Angelo. *O PESADELO É AZUL*. [DVD]. 2008. Documentário.

PIRES, Roberto. *CÉSIO 137: O PESADELO EM GOIÂNIA*. [DVD]. 1991. Duração - 115 min. - Com transcrição de Eurípedes Monteiro de Oliveira Jr - 2015.

SALOMÃO, Farouk. *APOCALIPSE EM GOIÂNIA*. [Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=DjokAVHUok>>]. 1987. Duração - 7 min..

SANTOS, Nelson. *ANJO AZUL*. [DVD]. S/D. Vídeo Documentário - Disponível em DVD.

VALIM, Michael. S/D. *RUA 57 NÚMERO 60 CENTRO*. S/D. Duração - 7 min..

WESTMAN, Lars. *CESIUM BLODET*. S/D.

